



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

O ABUSO INCESTUOSO ENTRE IRMÃOS E
DISFUNCIONALIDADE FAMILIAR

ANA TOMAZ

17808

Orientador de Dissertação;

MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOCRIMINOLOGIA

2013

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicocriminologia.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos são para todos aqueles que me ajudaram e sem os quais eu não teria realizado este projecto, sendo que guardo este espaço para os que tiveram uma maior importância.

Aos meus pais, agradeço por me darem esta oportunidade e pelo apoio incondicional que me deram ao longo de todo o curso. À restante família, agradeço a força, a confiança depositada em mim e o apoio que me deram.

À Professora Maria Gouveia-Pereira, quero dar um enorme agradecimento pelas orientações e críticas, pela paciência ao longo das aulas e pela transmissão de conhecimentos que foram fundamentais à realização deste projecto.

Aos meus colegas da aula de Seminário de Dissertação, Nuno Augusto e Hugo Gomes, pela partilha de conhecimentos, pelas críticas e sugestões e pelos momentos de convívio que me proporcionaram, um grande obrigado!

Às minhas colegas Inês Gonçalves e Inês Corrêa, obrigada por me acompanharem nos meus momentos de desespero e nos momentos de alegria que acompanharam a realização deste projecto, e por me ajudarem nas alturas em que mais precisei.

À Dr.^a Ana Rolo e à Dr.^a Isabel Baptista, do meu local de estágio, agradeço a simpatia, o apoio, os conhecimentos transmitidos e a ajuda disponibilizada, que se verificaram fundamentais na elaboração do presente trabalho.

À minha grande amiga, membro honorário da minha família, Tânia Santos, gostaria de agradecer pelo apoio e pela força que me deu ao longo destes 5 anos e, em especial, nesta última etapa. Estendo este agradecimento a todos os meus amigos não-ispianos por me lembrarem que a vida não é só o estudar e trabalhar, e por me fazerem sempre pensar nas coisas de outras perspectivas.

Assim sendo, resta-me dizer que, de certa forma, este trabalho também é vosso porque sem vocês nada disto teria sido possível. Obrigada por tudo!

RESUMO

O fenómeno do incesto entre irmãos não é algo desconhecido, pelo contrário, é um tema bastante recorrente na mitologia, na literatura (científica e de ficção), na história e, principalmente, na vida das pessoas. No entanto, apesar de conhecido, este fenómeno, não tem sido muito estudado. Ainda assim, muitos autores consideram que este tipo de abuso pode ser bastante prejudicial, não só para a vítima, como para o agressor e, quando conhecido, até para os restantes elementos familiares, uma vez que este tipo de abuso ocorre no seio da família. Neste sentido, alguns dos estudos efectuados sugerem que existe uma relação entre a disfuncionalidade familiar e este tipo de abuso incestuoso.

É preciso ter em consideração que existem várias formas de abuso incestuoso, nomeadamente entre pai-filha, entre mãe-filho, entre outros. No entanto, o presente trabalho só irá abordar as questões relacionadas com o abuso incestuoso que ocorre entre irmãos. Assim, o objectivo do presente estudo é explorar a relação existente entre disfuncionalidade familiar e abuso incestuoso entre irmãos na(s) família(s) em estudo, sendo que esta disfuncionalidade será averiguada através da estrutura familiar, tendo por base a teoria de Minuchin (1988). Para tal efeito, serão considerados apenas famílias em que tenha ocorrido abuso incestuoso entre irmãos, em que o agressor tenha até 16 anos de idade e a vítima, no máximo, 14 anos, na altura em que este aconteceu. Relativamente à definição de irmãos, será tida em conta a de Bass *et al.* (2006), uma vez que inclui irmãos biológicos e não biológicos, mas que estejam ligados à criança por laços de afinidade pois, tal como afirmam Caffaro e Conn-Caffaro (1998), a violência tem mecanismos semelhantes quando ocorre nestas relações.

Palavras-Chave: incesto entre irmãos, disfunção familiar,

ABSTRACT

The phenomenon of sibling incest is not unknown, on the contrary, it's a very recurrent subject in mythology, literature (scientific and fiction), in history and, most importantly, in people's lives. However, even though it's well known, there haven't been many studies developed in this phenomenon. Still, many authors consider that this type of abuse can be highly prejudicial, not only for the victim, but also for the abuser and, when known, even to other family members, given that this type of abuse occurs in the family. In this sense, some of the studies suggest that there is a relationship between family dysfunction and this type of incestuous abuse.

It's necessary to take in to account that there are many forms of incestuous abuse, such as father-daughter, mother-son, amongst others. However, the present paper will only consider the matters related to the incestuous abuse that occurs between siblings. So, the purpose of the present study is to explore the existing relationship between family dysfunction and sibling incest in the family(ies) in this study, being that this dysfunction will be verified through family structure, based on Minuchin's (1988) theory. For that effect, there will be considered only families in which sibling incest occurred, and in which the abuser was 16 years old and the victim 14 years old, maximum, at the time of the abuse. In what concern the definition of sibling, there will be taken into account the one from Bass et al. (2006), because it includes biological and non-biological siblings, but that are connected to the child by kinship for, as Caffaro and Conn-Caffaro (1998) say, violence has similar mechanisms when it occurs in these relationships.

Key-Words: sibling incest, family dysfunction

Índice

Introdução.....	2
Revisão da Literatura.....	4
A Família.....	4
Estrutura Familiar.....	5
Abuso Incestuoso entre Irmãos.....	8
Características do Abuso Incestuoso entre Irmãos.....	11
Características das famílias.....	13
Características das vítimas e dos agressores.....	15
Tipos de Abuso Incestuoso.....	16
Pseudoconsensual.....	16
Pai/Mãe-periférico/a.....	17
Pseudoparental (famílias com 2 pais).....	18
Pseudoparental (famílias monoparentais).....	19
Pseudoparental (famílias com pais adotivos).....	19
Família desorganizada.....	20
Consequências do Abuso Incestuoso entre Irmãos.....	21
Objectivos e Hipóteses.....	23
Método.....	24
Amostra.....	24
<i>Design</i> do estudo.....	24
Instrumento.....	24
Procedimento.....	25
Análise de dados.....	25
Referências.....	26
Anexos.....	28
Anexo A.....	28
Anexo B.....	35
Anexo C.....	47

O tema do incesto é algo bastante conhecido e discutido, particularmente no âmbito da psicologia. Sigmund Freud, o pai da psicologia psicanalítica, considera que todas as pessoas têm uma tendência incestuosa e que esta faz parte de um desenvolvimento normativo, sendo que “é através da punição do desejo que surgem as proibições ao incesto, subordinando, assim, o desejo à lei” (Gil & Lucas, 1998; p. 387). No entanto, é importante referir que quando este desejo se concretiza, provavelmente irá dar lugar a situações abuso incestuoso.

Vários autores apresentam definições divergentes de incesto. De acordo com Morrison, Erroga e Becket (1994; cit. por Fávero, 2003), incesto refere-se “às relações sexuais entre pessoas do mesmo sangue ou parentes por lei” (p. 66). Outros autores incluem outras pessoas que estejam ligadas à criança “por laços de afinidade e responsabilidade moral e/ou legal” (p. 66) como os padrastos ou tutores, ou pessoas muito próximas da criança. Sendo assim, pode-se considerar, por exemplo, incesto pai-filha, mãe-filho ou entre irmãos. No entanto, o presente trabalho abordará apenas as problemáticas relacionadas com o incesto que ocorre entre irmãos. Por outro lado, a definição de irmãos difere na literatura (e, até mesmo, no senso comum), sendo que alguns autores apenas consideram irmãos biológicos e outros têm em conta, também, irmãos afectivos, como é o caso de Bass, Taylor, Knudson-Martin e Huernergardt (2006), que incluem irmãos biológicos e crianças que vivam juntas como tal durante dois ou mais anos, tal como irmãos adoptivos, meios-irmãos, entre outros.

O incesto entre irmãos pode ser definido, genericamente, como o comportamento sexual existente entre irmãos, que não é apropriado para a idade, que não é transitório e que não é motivado pela curiosidade desenvolvimental (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). No entanto, há alguma discórdia entre o que se pode considerar abuso incestuoso e o que não o é. Alguns autores acreditam que nem todos os comportamentos sexuais com um familiar podem ser considerados abuso, como é o caso da exploração do corpo, entre irmãos e primos (Cantwell, 1995; Finkelhor, 1980; Kikuchi, 1995; López, 1995; cit. por Fávero, 2003). Por outro lado, Canavan, Meyer e Higgs (1992; cit. por Fávero, 2003) afirmam que “qualquer contacto sexual entre irmãos pode converter-se numa forma de abuso sexual sem a possibilidade de real consentimento” (p. 66).

Este fenómeno não é algo de novo uma vez que se tem conhecimento de vários casos de incesto na história, mitologia ou, até mesmo na literatura. Verificavam-se casamentos entre irmãos no Havai, nos incas e no Egipto, principalmente entre os monarcas e a nobreza (Bixler, 1982). Os censos dos antigos egípcios, por exemplo, na época da ocupação romana no Egipto, mostram que dos 121 casamentos registados, cerca de 20 ocorrem entre irmãos e 4 entre meios-irmãos (Scheidel, 2004).

Ainda se podem constatar exemplos de incesto entre irmãos na mitologia grega, em que Zeus, o rei dos deuses, casa com duas das suas irmãs, Hera e Deméter, sendo que este não é o único caso de ocorrência deste fenómeno nesta mitologia (Luzes, 1990). Este autor refere a obra de Eça de Queiroz, “Os Maias”, como um outro exemplo do incesto entre irmãos. Esta obra conta a história de uma irmã e um irmão que, tendo sido separados muito precocemente, se reencontram em adultos e se apaixonam. Quando descobrem a história da sua família e os laços familiares que os unem, a relação acaba e cada um segue o seu caminho. No entanto, uma grande parte da literatura de ficção que aborda o tema de relações incestuosas entre irmãos acontece entre adultos e a sexualidade adulta é muito diferente da sexualidade infantil, o que sugere que o significado do incesto será diferente quando acontece durante infância ou durante a idade adulta (Luzes, 1990).

Mesmo sendo um fenómeno conhecido, as investigações realizadas sobre o abuso incestuoso entre irmãos têm sido escassas em comparação com outras formas de abuso sexual e incesto. Nos poucos estudos existentes, as conclusões a que os autores chegam têm por base a experiência clínica dos mesmos. Ou, então, o tema é abordado como sendo apenas uma parte de um incesto intrafamiliar (Tidefors, Arvidsson, Ingevaldson, & Larsson, 2010). Apesar da falta de investigações, Luzes (1990) afirma que o incesto entre irmão e irmã e entre pai e filha são as formas mais comuns de incesto.

Este tipo de incesto é, portanto, um problema que ocorre ao nível de todo o sistema familiar e deve ser visto como tal. Haskins (2003), por exemplo, afirma que este fenómeno deve ser visto como uma manifestação da disfunção familiar. Tidefors *et al.* (2010) realizaram um estudo onde comparam dois grupos de agressores sexuais adolescentes, sendo que 21 deles agrediram sexualmente os irmãos e 24 agrediram outras pessoas. Através dos resultados obtidos, verificaram que os jovens do grupo do incesto tinham crescido, com maior frequência, em famílias disfuncionais. Isto sugere que existe uma relação entre disfunção familiar e abuso incestuoso entre irmãos.

No presente trabalho, o objectivo é explorar a relação existente entre disfuncionalidade familiar e abuso incestuoso entre irmãos nas famílias em estudo, sendo que esta disfuncionalidade será averiguada, principalmente, através da estrutura familiar. Para tal efeito, serão considerados apenas famílias em que tenha ocorrido abuso incestuoso entre irmãos, em que o agressor tenha até 16 anos de idade e a vítima, no máximo, 14 anos, uma vez que, na lei portuguesa, até esta idade considera-se que a criança não tem capacidade para dar o seu real consentimento para uma relação sexual. Entre os 14 e os 16 anos, a referida lei

considera que alguns jovens já têm capacidade para dar o seu consentimento a uma relação sexual mas outras não.

Relativamente à definição de irmãos, será tida em conta a de Bass *et al.* (2006), uma vez que inclui irmãos biológicos e não biológicos, mas que estejam ligados à criança por laços de afinidade pois, tal como afirmam Caffaro e Conn-Caffaro (1998), a violência tem mecanismos semelhantes quando ocorre nestas relações.

REVISÃO DA LITERATURA

A Família

Tal como afirmam Gil e Lucas (1998), a família deverá ser a principal defensora da criança e do adolescente, e um suporte fundamental ao seu desenvolvimento. No que diz respeito ao abuso incestuoso entre irmãos, diversos autores (e.g. McNevin, 2010; Caffaro & Conn-Caffaro, 1998) chamam a atenção para a importância da família. Como tal, e tendo em conta que o incesto é um fenómeno que ocorre no seio familiar e que o irá afectar, é importante abordar a temática da família. Neste sentido, esta é definida como sendo um sistema, composto por objectos e respectivos atributos e relações, possuindo fronteiras que a distinguem do seu meio, e contendo sub-sistemas e sendo contida por supra-sistemas, todos eles ligados de forma hierarquicamente organizada (Alarcão, 2002). É de acrescentar que se entende por sistema, o conjunto de elementos ou unidades em interacção, constante e recíproca, ordenados segundo determinadas regras e formando um todo organizado. Sub-sistemas são unidades mais pequenas que integram o sistema e têm as mesmas propriedades que este (como é o caso da díade irmão-irmã), e supra-sistemas, por sua vez, são unidades sistémicas mais vastas que englobam sistemas e sub-sistemas interligados entre si numa relação vertical (Alarcão, 2002).

A família deve ser vista como um sistema total e, assim sendo, o comportamento de um dos seus elementos não pode ser separado dos comportamentos dos restantes e aquilo que lhe acontece afecta a família no seu conjunto (tanto ao nível dos indivíduos como das relações do sistema) (Alarcão, 2002; Kiselica & Morrill-Richards, 2007). No entanto, é necessário ter em atenção que neste “todo” continuam a existir indivíduos, com as suas características particulares.

Para além disto, a família faz parte de outros sistemas, i.e. de contextos mais vastos com os quais co-evolui, tais como a comunidade ou a sociedade. Dadas as trocas que estabelece

com o exterior, a família pode-se considerar um sistema aberto, pois dele recebe um conjunto de influências ao mesmo tempo que o influencia. Na sua evolução, porém, o sistema familiar vai regulando esta abertura ao exterior, ora fechando-se ora abrindo-se, de acordo com as suas necessidades e as suas características (Alarcão, 2002).

Estrutura Familiar

Não existem duas famílias iguais. Cada uma tem a sua própria estrutura e características específicas. Assim sendo, é importante abordar também a estrutura familiar.

Minuchin (1988) define estrutura familiar como um conjunto invisível de necessidades funcionais que organiza a forma como os membros da família interagem. De acordo com ele, uma família é um sistema que opera através de padrões transaccionais, que correspondem a “sequências repetitivas de trocas verbais e não-verbais que se vão construindo no dia-a-dia familiar, como resultado de adaptações recíprocas, implícitas e explícitas, entre os seus elementos” (Alarcão, 2002; p. 53). São estes padrões transaccionais que irão regular os comportamentos dos indivíduos através de dois sistemas: o primeiro refere-se às regras universais que governam a organização familiar (como é o caso da existência de uma hierarquia de poder e autoridade entre pais e filhos) e o segundo diz respeito às expectativas específicas de cada sistema familiar. Muitas vezes, a origem destas expectativas é esquecida, mas os padrões que se estabelecem como resultado das negociações, explícitas e implícitas, entre os membros da família, podem permanecer como uma forma de acomodação mútua e eficácia funcional (Minuchin, 1988).

Sendo assim, o sistema é capaz de se manter, oferecendo alguma resistência à mudança e mantendo os seus padrões preferidos. No entanto, por vezes, podem surgir situações que dêem origem a desequilíbrios no sistema. Isto pode resultar em conflitos, mas a estrutura familiar deve ser capaz de se adaptar à mudança, isto é, a família deve conseguir transformar-se de forma a dar resposta às novas circunstâncias, sem se destruturar (Minuchin, 1988).

Como já foi mencionado, as famílias são sistemas que incluem unidades mais pequenas denominadas sub-sistemas (Alarcão, 2002) e é através deles que o sistema familiar diferencia e leva a cabo as suas funções (Minuchin, 1988). Estes sub-sistemas, apesar de interagirem entre si, são separados por fronteiras/limites. Este último autor afirma que estas fronteiras são as “regras que definem quem participa [no sub-sistema] e como” (p. 58). A sua função é proteger e diferenciar o sistema e os seus membros e, sendo assim, cada sub-sistema tem as suas funções específicas.

De acordo com Minuchin (1988), para um funcionamento adequado das famílias, as fronteiras entre os vários sub-sistemas devem ser nítidas/claras. Estas devem ser suficientemente definidas para que os membros de um sub-sistema possam levar a cabo as suas funções sem interferência de elementos exteriores, mas possibilitando, ao mesmo tempo, o contacto entre os elementos do referido sub-sistema e outros sub-sistemas. Segundo este autor, o nível de nitidez destas fronteiras pode ser um parâmetro útil para a avaliação do funcionamento familiar.

Minuchin (1988), no que diz respeito à maior ou menor nitidez das fronteiras, afirma que todas as famílias se situam num *continuum*, cujos polos correspondem a famílias com fronteiras muito rígidas ou muito difusas (Figura 1).

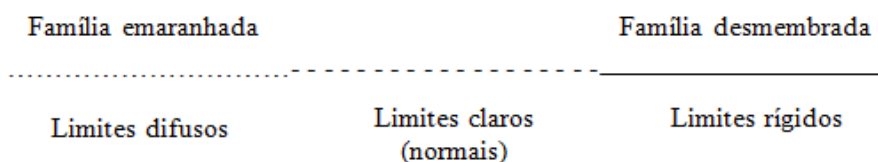


Figura 1. Continuum fronteiras/limites na família

As *famílias emaranhadas* são aquelas que se fecham sobre si mesmas e promovem um maior nível de intercâmbio e preocupações entre os seus elementos, reduzindo as distâncias entre estes e misturando as fronteiras entre gerações, sub-sistemas e indivíduos, tornando-as difusas. Assim sendo, o sofrimento de um dos membros do sub-sistema terá repercussões imediatas no comportamento dos restantes, tendo em conta a dificuldade de individuação-separação (Alarcão, 2002). Para além disto, a falta de diferenciação entre os membros de famílias emaranhadas pode levar a um desencorajamento da exploração autónoma e do domínio de problemas, resultando numa menor autonomia ligada a um maior sentimento de pertença ao sistema familiar (Minuchin, 1988).

As *famílias desmembradas*, por outro lado, possuem limites muito rígidos no seu interior. De acordo com Alarcão (2002), estas famílias vivem num “*cut-off* emocional”, isto é, os membros encontram-se “desligados” uns dos outros e da família. Assim sendo, estes possuem grande autonomia, mas carecem de sentimentos de lealdade e de pertença, de capacidade de interdependência e solicitação de apoio, quando necessário. Neste sentido, ao contrário das famílias emaranhadas, nas famílias desmembradas, os problemas de um membro da família não ultrapassam os limites excessivamente rígidos, a não ser que o *stress* do indivíduo adquira

níveis extremamente elevados, e assim, mobilize o sistema de apoio familiar (Minuchin, 1988).

De acordo com Minuchin (1988), tanto um extremo como o outro provocam problemas familiares. Segundo este autor, a família emaranhada responde a qualquer alteração ao habitual com elevada rapidez e intensidade, ao passo que a família desmembrada tende a não responder quando é necessário uma resposta.

A maioria das famílias, de acordo com Minuchin (1988) é detentora de limites claros/normais. No entanto, ao longo do seu desenvolvimento, os sub-sistemas que integram uma família podem possuir limites mais rígidos ou mais difusos. Por exemplo, quando os filhos crescem e começam a tornar-se independentes, os limites entre o sub-sistema parental e eles, podem tornar-se mais rígidos e a família desligada. Por outro lado, quando os filhos são muito novos, os limites entre a mãe e a criança podem tornar-se mais difusos, podendo colocar o pai numa posição periférica. Por outras palavras, é possível encontrar períodos de maior ou menor emaranhamento, ou de maior ou menor desmembramento, numa família funcional (Alarcão, 2002).

Para além do que já foi mencionado, é importante sublinhar que numa família existem vários sub-sistemas e, como tal, dentro do mesmo sistema familiar podem existir diferentes tipos de limites/fronteiras entre os vários elementos ou sub-sistemas (Alarcão, 2002).

Esta última autora (2002) distingue quatro sub-sistemas: individual, conjugal, parental e fraternal.

O *sub-sistema individual* é composto pelo indivíduo que tem o seu estatuto e funções familiares e, também, funções e papéis noutros sistemas (Alarcão, 2002).

O *sub-sistema conjugal* é composto pelo marido e pela mulher. Neste sub-sistema a complementaridade e a adaptação recíproca são aspectos importantes do seu funcionamento. Uma das suas funções é o desenvolvimento de limites ou fronteiras que protejam o casal da intrusão de outros elementos de modo a proporcionar-lhe a satisfação das suas necessidades psicológicas. Desta forma constitui uma plataforma de suporte para o casal lidar com o *stress* intra e extra familiar. O sub-sistema conjugal é para os filhos um modelo relacional para o estabelecimento de futuras relações de intimidade (Alarcão, 2002).

O *sub-sistema parental* é normalmente constituído pelos elementos do sub-sistema conjugal (casal), mas pode variar na sua composição (i.e. pode incluir um avô/avó, tia/tio, padrinho, irmão mais velho, entre outro) – o que importa é quem desempenha as funções e as tarefas que lhe são inerentes. Visa a educação e protecção das gerações mais novas. É a partir das interacções pais-filhos que as crianças aprendem o sentido da autoridade e a forma de

negociar e de lidar com o conflito. É também no contexto desta interação que se desenvolve o sentido de filiação e pertença familiar (Alarcão, 2002).

O *sub-sistema fraternal* é constituído pelos irmãos, sejam eles irmãos biológicos ou crianças que vivam juntas como tal durante dois ou mais anos (Bass *et al.*, 2006), tal como irmãos adoptivos, meios-irmãos, entre outros. Este sub-sistema representa um lugar de socialização e de experimentação de papéis face ao mundo extra-familiar, primeiro em relação à escola e depois em relação ao grupo de amigos e ao mundo do trabalho. É neste sub-sistema que as crianças desenvolvem as suas capacidades relacionais com o grupo de pares, experimentando o apoio mútuo, a competição, o conflito e a negociação nas brincadeiras solidárias e nas “guerras” (Alarcão, 2002). As relações entre irmãos incluem, de acordo com Caffaro e Conn-Caffaro (1998), todas as interações, verbais e não-verbais, de dois ou mais indivíduos que façam parte do mesmo sub-sistema fraternal.

Abuso Incestuoso entre Irmãos

Antes de mais, é de referir que a própria definição de incesto, tal como já foi mencionado, inclui relações sexuais com pessoas ligadas à criança “por laços de afinidade” (Morrison, Erroga, & Becket, 1994; cit. por Fávero, 2003; p. 66). Sendo assim, a definição de abuso entre irmãos pode incluir, não só irmãos consanguíneos, como irmãos adoptivos ou meios-irmãos. Bass *et al.* (2006) incluem, também, crianças que vivam juntos como tal durante dois ou mais anos.

O incesto entre irmãos pode ser definido como o comportamento sexual entre irmãos, que não é apropriado para a idade, que não é transitório e que não é motivado pela curiosidade desenvolvimental (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). De acordo com estes autores, estes comportamentos sexuais podem, ou não, incluir contacto físico, coerção ou força, sendo que o abuso sexual entre irmãos sem contacto físico pode incluir comportamentos praticados com a intenção de estimular sexualmente o irmão/irmã vítima ou o agressor, forçar um irmão/irmã a ver comportamentos sexuais, entre outros. Vários autores (citados por Tidefors *et al.*, 2010) referem que o acto sexual mais comum no incesto entre irmãos são as carícias e o toque dos genitais. Contudo a relação sexual, com penetração, também ocorre com alguma frequência.

A definição anteriormente apresentada pressupõe que existem comportamentos sexuais normais durante a infância, nomeadamente com irmãos, e que nem todos poderão ser considerados abuso incestuoso, como é o caso de jogos sexuais de imitação e descoberta entre irmãos e primos (Cantwell, 1995; Finkelhor, 1980; Kikuchi, 1995; López, 1995; cit. por

Fávero, 2003). Sendo assim, impõe-se a questão do que é que pode ser considerado um comportamento sexual normal, na infância. Friedrich, Grambsch, Broughton, Kuiper e Beilke (1991) realizaram um estudo com o objectivo de averiguar a frequência de uma grande variedade de comportamentos sexuais em pré-adolescentes normais e medir a relação destes comportamentos com outros factores, tais como a idade, género, variáveis socioeconómicas e familiares. Para este efeito, foram aplicados questionários a 880 jovens, com idades compreendidas entre os 2 e os 12 anos, que não tenham sofrido abusos sexuais. Os resultados obtidos demonstram que é normal aparecerem determinados comportamentos sexuais durante esta fase do desenvolvimento. Alguns dos mais frequentes com que se depararam foram “Despir-se em frente de outros”, “Tocar nos órgãos sexuais, em casa”, “Coçar/arranhar as virilhas”, “Andar em roupa interior”, entre outros. No entanto, segundo os autores mencionados, estes comportamentos vão diminuindo a sua frequência com a idade, em ambos os sexos. Para além disto, também averiguaram que, apesar de terem encontrado uma grande variedade de comportamentos sexuais praticados em elevada frequência em crianças entre os 2 e os 12 anos de idade, alguns destes não são adequados, como é o caso dos comportamentos mais agressivos ou mais próximos do comportamento sexual adulto.

Ainda no que diz respeito aos comportamentos sexuais normais na infância, Lamb e Coakley (1993; cit. por Fávero, 2003) descrevem seis categorias: *brincar de médico*, em que uma criança finge ser médica e a outra o paciente, o que lhes permite examinar o corpo, nomeadamente os genitais; *exposição*, em que uma criança mostra partes do seu corpo a outra; *estimulação*, em que as crianças exploram a excitação que o contacto físico lhes proporciona; *beijos*; e *fantasias sexuais*, em que as crianças imitam as relações sexuais dos adultos e criam fantasias para acompanhar este tipo de jogos; e *outros*, o que inclui “jogos de caça, sexo entre bonecas e canções indecentes, com conteúdo obsceno” (p.40).

É ainda importante referir que os comportamentos sexuais das crianças encontram-se relacionados com o seu contexto familiar, mais especificamente, com os comportamentos sexuais na família. Friedrich *et al.* (1991) afirmam que nudez na família e testemunhar relações sexuais podem estar relacionados com um aumento dos comportamentos sexuais nas crianças.

Para além dos aspectos salientados na definição de Caffaro e Conn-Caffaro (1998) de abuso incestuoso entre irmãos, existem outros que são importantes mencionar. Um deles é a questão do consentimento. Canavan, Meyer e Higgs (1992; cit. por Fávero, 2003) afirmam que “qualquer contacto sexual entre irmãos pode converter-se numa forma de abuso sexual sem a possibilidade de real consentimento” (p. 66). Esta questão do consentimento é algo que

causa alguma discórdia, em particular no campo legal. De acordo com Finkelhor (1979; cit. Tidefors *et al.*, 2010), a criança não tem capacidade de consentir uma relação com um adulto devido à falta de conhecimentos e experiência que lhe permitiriam tomar uma decisão ajustada acerca da sua sexualidade. Sendo assim, a criança não tem liberdade, nem legal nem psicológica, para consentir uma relação sexual de uma forma realmente independente.

No entanto, a situação referida anteriormente aplica-se, normalmente, quando há uma certa diferença de idades entre agressor e vítima. Nos casos de incesto entre irmãos, nem sempre a diferença de idades é substancial. Aliás, muitas vezes, os agressores são pouco mais velhos que as suas vítimas. De acordo com Luzes (1990), quando se tratam de irmãos jovens, a relação não é, normalmente, erotizada por ambos. Um deles é o instigador do incesto, geralmente, o mais velho, ao passo que o mais novo se limita a desempenhar certas acções cujo significado ele ou ela ainda não é capaz de compreender totalmente, devido ao seu nível de maturação física e psicológica. Outra hipótese é este irmão mais novo ser submetido contra a sua vontade, sugerindo que o irmão agressor é o mais velho ou o que detém mais poder. Segundo Caffaro e Conn-Caffaro (1998), na maioria dos casos de incesto entre irmãos, os irmãos mais velhos molestam os irmãos mais novos, corroborando a afirmação de Luzes (1990).

De acordo com Caffaro e Conn-Caffaro (1998) existem múltiplos factores, individuais e familiares que determinam a motivação para cometer abuso incestuoso com um irmão ou irmã: desenvolvimento de um padrão de excitação sexual desviante e compulsivo; crenças individuais ou familiares que minimizem ou distorçam o comportamento incestuoso; exercer poder e controlo num irmão mais novo e menos experiente; necessidade de satisfazer necessidades emocionais. Este último é um aspecto salientado por vários autores, inclusivamente Ascherman e Safier (1990), que afirmam que nem sempre o incesto entre irmãos envolve uma vítima e um agressor. Segundo eles, por vezes, os irmãos envolvem-se de “livre vontade” para lidar com necessidades de afecto, de carinho, de combate à solidão, à sensação de isolamento e à depressão, e de uma descarga de ansiedade devido ao stress. Neste sentido, alguns aspectos, tais como a ausência ou negligência parental, limites (ou fronteiras) difusos, modelos de comportamentos sexuais e violentos em casa e tratamento diferencial entre os vários irmãos, são considerados factores de risco para este tipo de abuso (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Para além dos aspectos já mencionados, Bass *et al.* (2006) definem este tipo de incesto como o comportamento sexual entre irmãos que resulta em sentimentos de raiva, tristeza ou medo na criança que não o iniciou. Isto significa que a reacção da vítima ao comportamento

sexual tem relevância na definição do abuso incestuoso. No entanto, Fávero (2003) afirma que a reacção da vítima ao abuso depende de vários factores como a sua idade e a sua relação com a vítima. Este autor também refere que este não deve ser o único factor a considerar, uma vez que ao dar demasiada importância à reacção da vítima para definir um comportamento como abusivo, parece estar-se a atribuir-lhe alguma responsabilidade. No entanto, quando se trata de abuso incestuoso entre irmãos, onde pode haver alguma dificuldade em distinguir entre o que é abuso e o que são comportamentos sexuais normais, esta é uma variável determinante. Uma experiência que seja sentida pela criança como explorativa, assustadora ou confusa não deve ser ignorada, independentemente da idade do participante ou actividade envolvida (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Características do Abuso Incestuoso entre Irmãos

Existem inúmeras características que devem ser tidas em conta quando se fala do abuso incestuoso entre irmãos, devendo ter em consideração que algumas destas são partilhadas com outras formas de incesto ou abuso sexual. Uma delas é a *idade da vítima* que é um factor importante, não só no abuso sexual no geral (Fávero, 2003), mas em particular no abuso incestuoso entre irmãos, pois a idade e o nível de desenvolvimento são especialmente relevantes na capacidade da criança compreender e lidar com o incesto. As crianças de várias idades pensam, agem e sentem de forma diferente e isto significa que aquilo que para os adultos pode ser considerado traumático, para as crianças pode não ser. Por outro lado, experiências traumáticas para uma criança podem não ter efeitos num adulto (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Este assunto levanta, no entanto, alguma discórdia. Alguns autores acreditam que quando mais nova é a vítima, mais negativo será o impacto do abuso, uma vez que quanto mais nova é a criança, menor será a sua capacidade de compreender que a relação sexual é inadequada. As crianças mais velhas, por outro lado, estão mais avançadas no seu desenvolvimento e, por isso, teriam mais capacidade de compreender as implicações da relação sexual. Outros autores afirmam que os impactos do abuso são mais negativos quando as crianças são mais velhas, pois a criança, ou adolescente, já tem capacidade para perceber que algumas normas sociais estão a ser violadas e que estão a romper com um enorme tabu (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998; Fávero, 2003).

A *idade do agressor* é outro factor de relevo, sendo que uma grande parte dos autores acredita que quando os abusos são perpetrados por pessoas com idades iguais ou próximas da

vítima, as consequências são menos graves (Fávero, 2003), mas de acordo com outros, como Caffaro e Conn-Caffaro (1998) ou Bass et al. (2006), independentemente de, neste caso, os irmãos terem idades próximas ou não, se os comportamentos sexuais tiverem efeitos nefastos na vítima, então considera-se que estes são comportamentos abusivos. Quando a diferença de idades entre os irmãos é grande, o contacto sexual é, geralmente, considerado abusivo, independentemente da actividade sexual (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Um outro aspecto importante é a *reação da família e da comunidade*. Estas entidades dão suporte e conforto à criança e ajudam-na a fazer sentido do abuso, estando directamente relacionadas com a capacidade desta em lidar com os efeitos traumáticos que daí advém. Nas famílias, estas reacções podem ser diferentes, dependendo das dinâmicas familiares em causa. De acordo com Bass *et al.* (2006), membros de famílias não-abusivos podem responder negativamente ao abuso, ignorando-o, culpando a vítima ou, simplesmente, não intervindo. Segundo Fávero (2003), o carinho, a compreensão, o cuidado e a segurança por parte dos pais é muito importante para a criança vítima do abuso.

Também a *duração, natureza e padrão do abuso* determinam a extensão do trauma para a vítima e para a família. Segundo Caffaro e Conn-Caffaro (1998), crianças cronicamente abusadas pelos seus irmãos têm maior probabilidade de ter sintomas mais persistentes e malignos, do que as crianças que foram traumatizadas uma vez e que continuaram numa família que lhe proporcionava suporte emocional. Estes autores acrescentam que crianças vítimas de abuso por parte dos seus irmãos, também podem ser alvo de abuso físico, sexual ou emocional por parte de pais ou outros parentes.

No que diz respeito aos *tipos de actividade sexual*, Caffaro e Conn-Caffaro (1998) afirmam que quando actividades vão para além do que se pode considerar exploração normal, e passam a incluir contacto oral-genital ou relação sexual, então os comportamentos sexuais podem-se considerar abusivos. De acordo com Fávero (2003), as actividades que trazem consigo mais efeitos negativos são a penetração (oral e anal) e a masturbação. Contudo, isto não significa que outro tipo de actividades sexuais não tenham efeitos negativos graves na criança.

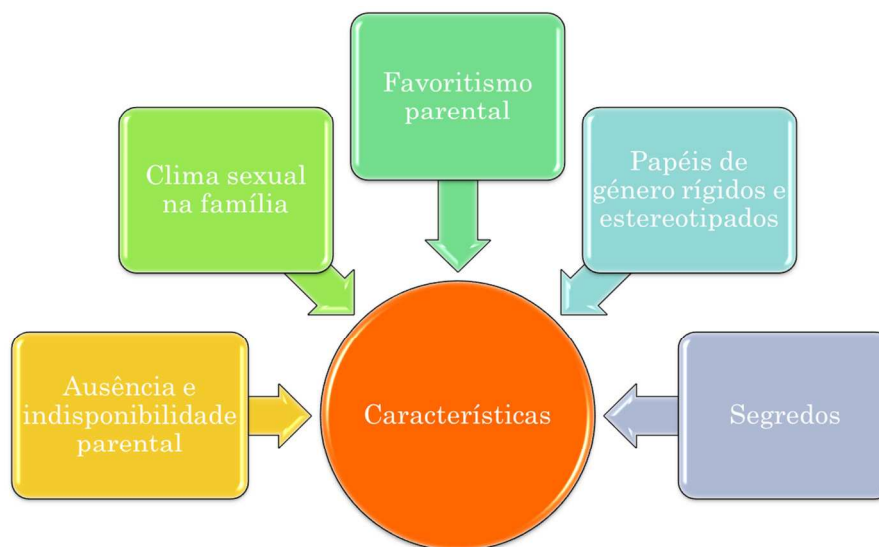
Um outro aspecto são as *estratégias utilizadas pelo agressor*, que são muito variadas. Caffaro e Conn-Caffaro (1998) referem que frequentemente (mas nem sempre), no abuso incestuoso entre irmãos, são utilizadas estratégias como a força ou a coerção, por parte dos irmãos mais velhos ou com mais poder que, como já foi referido, são, normalmente, os agressores. No que diz respeito à utilização de *força e coerção*, a relação destas com o abuso incestuoso entre irmãos pode ser subtil e complexa. Assim sendo, torna-se difícil afirmar até

que ponto é que estes aspectos estão realmente presentes no abuso. Por exemplo, por vezes, aquilo que parece ser consentimento é baseado no medo ou na incapacidade da criança o dar, devido à sua falta de conhecimentos e experiência para o fazer, tal como já foi referido. A principal questão subjacente a este ponto é se o impacto do abuso é pior quando há violência física ou quando são utilizadas outras estratégias como a chantagem ou ameaças (Fávero, 2003). De acordo com Caffaro e Conn-Caffaro (1998) a coerção e a agressão/força são responsáveis por algumas das consequências mais graves no trauma deste tipo de incesto.

Muitos dos jovens que agredem sexualmente os seus irmãos ou irmãs são, eles próprios, vítimas de abuso sexual. Assim, é possível que estejam a recriar o seu próprio trauma. *Ser vítima de abuso sexual* pode fazer com que o agressor desenvolva padrões de comportamento sexual desviantes, mas não é o único factor a considerar (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Características das famílias

Caffaro e Conn-Caffaro (1998) concluíram que existem determinadas características referentes às famílias onde ocorreu abuso incestuoso entre irmãos, que devem ser tidas em conta. Segundo eles, as principais são as mencionadas no esquema apresentado abaixo:



Relativamente à *ausência e indisponibilidade parental*, Caffaro e Conn-Caffaro (1998) afirmam que quando relações com os prestadores de cuidados são instáveis, podem desencadear reacções extremas nos irmãos. Estes, em casos de maus-tratos, abandono, ou até mesmo perda de um pai/mãe, podem formar fortes vinculações entre si, servindo de substitutos emocionais para os pais indisponíveis. Para além disto, é necessário ter em conta que quando os pais não estão disponíveis, normalmente, a quantidade de tempo que irmãos passam juntos, sem supervisão, aumenta. Assim, esta relação assume uma maior importância

desenvolvimental. Quando os irmãos se sentem abandonados ou ignorados, podem procurar um no outro o carinho e o conforto que deveria ser fornecido pelos pais. Nestas situações, os limites entre os sub-sistemas individuais podem tornar-se difusos e a tensão sexual entre os dois pode aumentar, resultando num maior risco de incesto. Por outro lado, um irmão mais agressivo pode coagir ou manipular um irmão mais novo (ou com menos poder) a desempenhar determinada actividade sexual, confiante que a vítima terá medo ou vergonha e não contará a ninguém o sucedido. O facto de haver pouca ou nenhuma supervisão parental é um factor de risco a este tipo de abuso, uma vez que dá um maior acesso aos irmãos. Aliás, os autores mencionados afirmam que este tipo de abuso incestuoso costuma ocorrer em famílias com fraca ou nenhuma liderança parental ou modelos (*role models*) apropriados (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Os pais são figuras de referência para os seus filhos e servem, muitas vezes, como modelos de comportamento para estes, mesmo quando não estão sempre presentes. A modelagem de comportamentos e atitudes sexuais inapropriadas tem um papel relevante na criação de um ambiente propício ao incesto entre irmãos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998; Friedrich *et al.*, 1991). Caffaro e Conn-Caffaro (1998) acrescentam que frequentemente, nas famílias onde ocorre este tipo de abuso, existe um exagerado *clima sexual na família*. Um ambiente hipersexualizado distorce e acentua prematuramente os padrões sexuais de uma criança. Isto, acoplado com a falta de supervisão parental, pode levar a imitação de comportamentos sexuais por parte dos irmãos agressores. No extremo oposto, também o ambiente sexualmente repressivo na família foi associado ao incesto entre irmãos. Esta repressão sexual pode intensificar a curiosidade sexual e a rebelião da criança. Por vezes, quando os pais são muito rígidos, podem responder ao incesto com muita ansiedade e medidas excessivamente punitivas, de forma a restabelecer o controlo sobre os seus filhos.

Uma outra característica a ter em conta é o *favoritismo parental*. Segundo Caffaro & Conn-Caffaro (1998), o tratamento diferencial por parte dos pais pode-se constituir um factor de risco ao abuso incestuoso entre irmãos. De acordo com estes autores, os irmãos que se percebem como sendo menos favoritos (ou que o são, de facto) podem retaliar contra um irmão mais novo, mostrando assim a sua raiva em relação aos seus pais, através do comportamento agressivo contra ele. Para além disto, o filho favorito, que já está predisposto a comportamentos sexuais agressivos, fruto do ambiente abusivo em que foi criado, pode dirigir a sua raiva a um irmão menos favorito, sentindo-se protegido dos riscos normalmente associados ao incesto, pelo seu estatuto e poder, inerentes à sua posição como filho preferido.

Nestas situações, torna-se ainda mais complicado para a vítima falar do abuso, devido ao estatuto favorecido do agressor na família.

Muitas vezes, em famílias onde ocorre este tipo de incesto, existem *papéis de gênero rígidos e estereotipados*. As diferenças entre os sexos são importantes na compreensão das dinâmicas deste tipo de abuso (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). Alguns autores, tais como Furman e Buhrmester (1990), reportam que as raparigas percebem-se como tendo menos poder que os rapazes, nas relações entre irmãos. Como um resultado destas diferenças de poder, uma díade de irmão mais velho-irmã mais nova estão em maior risco de incesto (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Uma característica bastante comum nas famílias incestuosas é a preponderância de *segredos*. Muitas vezes, por medo, culpa ou vergonha, os irmãos não falam da sua experiência de abuso. No entanto, os segredos nem sempre se cingem apenas ao abuso; são relativamente comuns em famílias onde ocorre incesto. Smith e Israel (1987; cit. por Caffaro & Conn-Caffaro, 1998) referem que relações extraconjugais parecem ter alguma prevalência (cerca de 76%) nas famílias onde há abuso incestuoso entre irmãos. Estes autores concluíram que, ao modelarem estes comportamentos sexuais secretos, os pais estão como que a dar autorização aos seus filhos, já vulneráveis ao incesto. Apesar da dificuldade de revelação do segredo, esta é importante porque permite à criança identificar-se com outras com histórias semelhantes à sua, distanciando-se do autoconceito de vítimas. No entanto, a revelação do segredo, relacionado com a reação do meio (por exemplo), pode levar a uma vitimização secundária (Fávero, 2003). De acordo com Bass *et al.* (2006) o segredo adquire significados diferentes dependendo do contexto familiar.

Características das vítimas e dos agressores

A grande maioria das vítimas, como já foi mencionado, são as irmãs mais novas e, normalmente têm cerca de 9 anos no início da relação abusiva. A maior parte dos agressores, por sua vez, são os irmãos mais velhos, cuja idade no início do abuso ronda os 15 anos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

No entanto, isto não significa que não haja vítimas masculinas. Nestes casos, o agressor é, geralmente, um irmão mais velho, uma vez que a maioria dos agressores é do sexo masculino. Assim, é muito menos provável que um rapaz revele o seu abuso, pois este traz preocupações acrescidas sobre a homossexualidade, o que não acontece quando a vítima é uma rapariga (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Rapazes e raparigas vitimizados pelas suas irmãs são uma minoria, mas ainda assim, existem. Quando este tipo de abuso ocorre, geralmente, a irmã mais velha foi ela própria vítima de abuso sexual, por parte de um homem. Contudo, o comportamento das ofensoras sexuais, em particular no contexto do abuso incestuoso entre irmãos, tem sido muito pouco estudado (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Relativamente aos agressores, muitos foram vítimas de abuso na infância, replicando, mais tarde, as experiências traumáticas de infância com outra pessoa, nomeadamente com um irmão ou irmã. Caffaro e Conn-Caffaro (1998) referem que é possível que as vítimas masculinas revivam o seu trauma através de violência contra os outros, ao passo que as vítimas femininas podem tender a interiorizá-lo através da revitimização ou de comportamentos auto-agressivos. No entanto, é importante sublinhar que nem todas as vítimas de abuso se tornam agressoras.

Tipos de Abuso Incestuoso

Com base na sua experiência clínica, Caffaro e Conn-Caffaro (1998) apresentam seis tipos de abuso incestuoso entre irmãos: pseudoconsensual; pai/mãe-periférico/a; pseudoparental (2 pais); pseudoparental (monoparentais); pseudoparental (pais adoptivos); e a família desorganizada. Estes tipos de abuso foram configurados com base na família nuclear tradicional. É necessário ter em conta que estes tipos de famílias nem sempre são disfuncionais e, mesmo que o sejam, nem sempre levam ao abuso sexual entre irmãos. No entanto, quando este género de abuso ocorre, a família enquadra-se, normalmente, num destes tipos.

É importante mencionar, ainda, que para avaliar o abuso incestuoso entre irmãos é necessário ter em conta a qualidade das relações familiares, as características individuais e familiares, particularmente aquelas que estão mais comumente associadas ao abuso (e.g. história de vitimização da criança; violência conjugal; favoritismo parental; negligência, entre outros) e a organização familiar (i.e. a estrutura) e recursos protectores (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Pseudoconsensual

Quando os irmãos são vítimas de abuso ou de negligência por parte dos pais, por vezes, podem procurar um no outro a validação, suporte, protecção e carinho que deveriam ser proporcionadas pelos adultos prestadores de cuidados. Nestes casos, os abusos assemelham-se

a brincadeiras sexuais não-coercivas, com a exceção de que os comportamentos abusivos são, no geral, mais duradouros, mais frequentes e mais intensos. Estes comportamentos sexuais parecem ser motivados pelo facto das crianças precisarem de satisfazer as suas necessidades emocionais que não estão a ser satisfeitas pela família (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Ainda assim, vítimas deste tipo de incesto podem sofrer efeitos traumáticos. Nestes casos, a experiência subjectiva e a sua percepção destes comportamentos são importantes factores a ter em conta. Caffaro e Conn-Caffaro (1998) referem que pode haver consequências negativas, mesmo quando a experiência subjectiva da criança é positiva.

Neste tipo de abuso incestuoso, os irmãos envolvidos devem ter a oportunidade de aprender formas alternativas e mais apropriadas de interagir um com o outro. Os pais devem ser educados para os perigos de interações incestuosas entre os seus filhos. Para além disto, devem aprender a estabelecer fronteiras/limites apropriados entre os indivíduos e os sub-sistemas, servindo assim de modelo para os seus filhos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). Estes autores afirmam que, de acordo com a sua experiência clínica, este tipo não é dos mais frequentes, mas que acontece.

Pai/Mãe-periférico/a

Neste tipo de abuso incestuoso, há um pai (ou mãe) que mantém um papel mais desligado do resto da família (i.e. um papel mais periférico) e quando a “reintegra”, fá-lo de forma autoritária e, por vezes, abusiva. O outro pai pode até ser carinhoso, mas é, muitas vezes, incapaz de se proteger a ele próprio e aos seus filhos quando este pai periférico se torna abusivo (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Um pai pode-se tornar-se periférico à família por variadas razões. Caffaro e Conn-Caffaro (1998) referem que esta estrutura familiar é algo comum em famílias de militares, famílias com um pai com doença mental, abuso de substâncias ou violência doméstica, ou em famílias cujo um dos pais viaja frequentemente em trabalho, por exemplo.

Nestas famílias, as crianças podem sentir que não há atenção, amor e suporte que chegue para todos. Isto provoca sentimentos que podem causar relações adversas entre os irmãos que estão a tentar satisfazer as suas necessidades numa família com recursos limitados. Para além disto, dada a organização deste tipo de famílias, muitas vezes, os irmãos encontram-se sem supervisão adequada. Sem a presença dos pais, para os guiar na resolução de conflitos, os irmãos são deixados sozinhos a resolver os seus problemas, por vezes, de forma desadequada (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Por vezes, quando é a mãe que tem um papel periférico, uma irmã mais velha, vítima de abuso incestuoso por parte do pai, pode adoptar o seu papel. A troca de papéis e hierarquias pode levar a que um outro irmão imite aspectos da relação pai-filha com uma irmã ou irmão mais novo (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Pseudoparental (famílias com 2 pais)

Esta é, de acordo com Caffaro e Conn-Caffaro (1998), uma configuração familiar que tem vindo a crescer em número, nos últimos tempos. Segundo estes autores, este tipo de estrutura familiar é caracterizado por dois pais que delegam as suas responsabilidades de prestadores de cuidados para um dos seus filhos, que é normalmente o irmão mais velho ou mais capaz de cuidar dos restantes filhos do casal. Este assume, assim, um papel de “pseudo-pai”.

O problema com este tipo de famílias é que este irmão não se enquadra, verdadeiramente, num sub-sistema. Isto é, os pais estão, normalmente, indisponíveis o que vai tornar a fronteira entre o sub-sistema fraternal e o parental mais rígida. Por outro lado, este irmão não pertence, de facto, ao sub-sistema fraternal, devido ao seu assumido papel de prestador de cuidados. Esta situação, muitas vezes, leva ao isolamento deste membro da família.

Como já foi mencionado, nem sempre estes tipos de famílias são disfuncionais. Caffaro e Conn-Caffaro (1998) afirmam que, muitas vezes, ambos os pais trabalham e preferem deixar os filhos mais novos ao cuidado dos mais velhos, por questões económicas, por exemplo. No entanto, estes autores referem que em famílias disfuncionais este irmão “pseudo-pai” torna-se o prestador de cuidados primário, o que apenas estimula o seu isolamento e sentido de responsabilidade. Segundo Caffaro e Conn-Caffaro (1998), um método para determinar disfunção nestas famílias é (1) acedendo à habilidade dos pais em providenciar cuidados adequados ao seu filho “pseudo-pai” e (2) averiguando se este filho “pseudo-pai”, para além de ser o prestador de cuidados primário dos seus irmãos, assume também o papel de cuidados dos pais, de forma crónica e persistente.

Quando neste tipo de famílias também ocorre abuso filio-parental ou conjugal, os irmãos mais novos estão muitas vezes em risco de serem vítimas de abuso, nomeadamente de incesto, por parte dos seus irmãos. Isto ocorre pois o comportamento dos pais, serve de modelo ao dos seus filhos. Quando ocorre abuso na família, particularmente, quando o abusador é um ou ambos os pais, e um dos filhos assume papel de pai/mãe perante os seus irmãos, então é provável que este irá repetir o padrão comportamental dos seus pais, podendo resultar em excessivo autoritarismo. Nestes casos, os irmãos mais novos podem ser abusados, assediados

ou ameaçados pelo seu irmão mais-velho. Para além disto, estes irmãos, que são vítimas de abuso incestuoso entre irmãos, poderão vir a repetir este padrão comportamental com os seus irmãos mais novos (Caffaro e Conn-Caffaro, 1998), alimentando, assim, o padrão cíclico deste tipo de abuso.

Os irmãos podem sentir de forma diferente esta situação (de terem o seu irmão mais velho a cuidar de si), dependendo da natureza e tipo de abuso que caracteriza a relação entre os irmãos. Muitas vezes, irmãs e irmãos que são abusados pelo irmão mais velho desenvolvem ligações muito fortes com ele, que se assemelham aos laços criados entre pais e filhos. Por outro lado, existem irmãos que não gostam do poder que é atribuído ao seu irmão mais velho no seu novo papel de prestador de cuidados, especialmente quando este abusa dele. Isto pode, facilmente, dar origem a conflitos na procura de controlo, e a esforços por parte do irmão mais novo, de criar problemas que necessitem de intervenção parental (Caffaro e Conn-Caffaro, 1998).

Pseudoparental (famílias monoparentais)

Nestas famílias um dos pais encontra-se ausente, seja devido a um divórcio, abandono ou falecimento, por exemplo. Aqui, à semelhança do que acontece nas famílias pseudoparentais com 2 pais, um dos irmãos, normalmente o mais velho ou mais capaz, é elevado ao estatuto de “pseudo-pai”. No entanto, neste caso, este irmão mais velho tem um papel mais elevado na hierarquia familiar do que os do tipo de família anteriormente descrito, chegando muitas vezes a ocupar um cargo de substituto de pai/mãe. Isto resulta numa maior probabilidade deste irmão vir a integrar o sub-sistema parental e de vir a atender, até certo ponto, às necessidades do/a pai/mãe e dos seus irmãos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Segundo estes autores, um dos factores protectores nestas famílias é a presença de um outro adulto, como um avô/avó ou um tio/tia, que podem providenciar suporte emocional, ajudar o pai/mãe nas suas funções de supervisão e disciplina, e assumir as responsabilidades de cuidar das crianças quando o pai/mãe se encontra sobrecarregado (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

O abuso, nestas famílias, pode aparecer num contexto semelhante ao das famílias onde há um irmão com funções pseudoparentais, apesar da existência de 2 pais.

Pseudoparental (famílias com pais adoptivos):

Antes de mais, é importante referir que por pais adoptivos se entende, neste contexto, as famílias reestruturadas, incluindo padrastos, madrastas e meios-irmãos.

Conflitos entre meios-irmãos são algo comum e podem ser caracterizados por vários factores. De acordo com Caffaro e Conn-Caffaro (1998), as relações entre meios-irmãos são, muitas vezes, formadas de forma abrupta, sem dar às crianças tempo para se adaptarem à nova estrutura familiar. Para além disto, devido à falta de história em comum, os meios-irmãos têm, por vezes, valores, costumes e estilos de famílias diferentes, o que exige uma maior tolerância e acomodação. Um dos aspectos que eles têm em comum é o facto de ambos terem perdido a sua família original, o que gera sentimentos sobre o passado, tanto reais como idealizados. Estes sentimentos devem ser tidos em conta e devem ser abordados, de acordo com as necessidades da criança (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Um irmão que esteja confortável no seu papel de pai numa família monoparental, pode ser substituído, repentinamente, quando a família se reestrutura, devido ao casamento do pai/mãe. Quando os irmãos fazem a transição para uma família reconstituída, os dois mais velhos podem, por vezes, debater-se pela posição com mais poder. Os mais novos podem tornar-se vítimas de abuso quando o mais velho exerce o seu poder e controlo de forma inadequada. Por vezes, o irmão mais velho, que tinha um papel de “pseudo-pai” na sua família de origem, pode reagir a abusos por parte de um padrasto/madrasta, identificando-se com ele e vitimizando os seus irmãos mais novos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Um outro problema nestas famílias é que as fronteiras entre os indivíduos e os seus papéis na nova família nem sempre estão bem definidos. Isto faz com que as regras, no que diz respeito ao incesto, sejam menos fortes. Esta situação levanta um problema: a sociedade nem sempre vê as relações sexuais entre meios-irmãos como incestuosas, provavelmente por estes não terem laços biológicos que os unam. Mas a estabilidade quotidiana da família requer a proibição de sexo, pois este interfere com o seu desenvolvimento normal. Assim sendo, a nova família deve construir o seu próprio tabu no que concerne ao incesto (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Família desorganizada

De acordo com Caffaro e Conn-Caffaro (1998), as famílias desorganizadas movem-se de crise para crise com pouca ou nenhuma liderança, educação, ou estabilidade. Estas são, normalmente, famílias caóticas, que equivaleriam às famílias desmembradas, descritas por Minuchin (1988), cujo principal suporte externo são os serviços sociais e de apoio à criança. Não há, no geral, um prestador de cuidados consistente.

Ter fronteiras/limites difusos e uma falta de supervisão parental aumentam a vulnerabilidade das crianças a várias formas de maus-tratos, entre os quais, o abuso incestuoso entre irmãos.

Uma característica relevante deste tipo de famílias é o facto dos prestadores de cuidados estarem emocionalmente indisponíveis e, muitas vezes, fisicamente ausentes durante longos períodos de tempo. Geralmente, nenhum dos pais está disponível para dar suporte financeiro adequado e consistente, o que pode forçar a família a depender em assistência exterior. Muitas vezes, está presente doença mental ou problemas aditivos. Alguns pais podem, inclusivamente, utilizar os seus recursos para alimentar as suas adições em álcool ou drogas (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Nestas famílias, as crianças são, muitas vezes, negligenciadas. Os pais que são capazes de assegurar a supervisão dos seus filhos podem não ter bom discernimento na escolha de quem irá tomar conta deles. A disfunção é tal, nestas famílias, que as fronteiras e os modelos de interações são, no geral, inadequados ou ausentes (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Como não há nenhum membro da família consistentemente a liderar, o potencial para interações abusivas aumenta. Para além disto, as crianças também podem tornar-se vulneráveis a abuso por parte dos seus irmãos devido aos défices tipicamente presentes nestas famílias (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Consequências do Abuso Incestuoso entre Irmãos

Não só na própria definição do conceito de incesto entre irmãos, mas também nas consequências que daí advêm, há alguma discórdia na literatura.

De acordo com Finkelhor (1980; cit. por Fávero, 2003), as experiências sexuais com irmãos na infância têm poucos efeitos na vida sexual adulta. Este autor reporta no seu estudo que aqueles que tiveram experiências sexuais com irmãos na infância têm uma vida sexual mais activa na vida adulta. Para além disto, este autor afirma que as experiências sexuais positivas com os seus irmãos, na infância, tem um impacto positivo na vida sexual das mulheres, enquanto adultas. No entanto, o autor mencionado não refere se estas experiências foram abusivas ou não.

Também Adler e Schutz (1995; cit. por Tidefors *et al.*, 2012) afirmam que o incesto entre irmãos é visto como sendo menos sério que o incesto entre pais e filhos e que, por vezes, é descrito como experimentação sexual.

Por outro lado, alguns autores, como Canavan *et al.* (1992; cit. por Fávero, 2003), referem que todas as vítimas de abuso incestuoso entre irmãos apresentam consequências negativas (sendo estas avaliadas como tal pela própria vítima) e que estas consequências irão interferir, de alguma forma, com o desenvolvimento da criança, seja ele o desenvolvimento social, escolar, familiar ou outro. Fávero (2003) refere ainda que este tipo de abuso incestuoso provoca desorganização familiar. Em concordância, McNevin (2010) afirma que o abuso sexual entre irmãos, tal como outras formas de abuso sexual intra-familiar, afecta profundamente a família. Também Cole (1982; cit. por DiGiorgio-Miller, 1998) afirma que o incesto entre irmãos não é benigno, mesmo quando a diferença de idades é pequena e mesmo que ambos os participantes refiram que a experiência foi positiva. Bass *et al.* (2006) referem, também, que o incesto entre irmãos traz sempre consigo consequências nefastas, independentemente das famílias serem próximas ou distantes.

Para averiguar as consequências psicossociais do incesto entre irmãos é necessário ter em conta as características das vítimas, do agressor e das interacções entre eles (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998; Haskins, 2003). A investigação sugere que o trauma do incesto atrasa o desenvolvimento, afecta a qualidade da relação entre os irmãos, ao longo da vida, e complica o processo de vinculação com os pares, na infância e na adolescência. Sendo assim, e tendo em conta que é no sub-sistema fraternal que as crianças desenvolvem as suas capacidades relacionais com o grupo de pares (Alarcão, 2002), é possível que as vítimas de abuso incestuoso entre irmãos tenham dificuldades em formar e sustentar relações íntimas, podendo esta dificuldade persistir até à vida adulta. Muitas vezes, esforços para a criança se diferenciar do seu irmão ou irmã estão comprometidos, resultando em relações fusionais ou desligadas, na vida adulta. Para além de tudo isto, tanto as famílias como a sociedade estão relutantes em reconhecer os efeitos prejudiciais deste tipo de incesto, permitindo que agressores continuem na mesma casa que as suas vítimas, o que acontece com maior frequência do que nos casos de abuso filio-parental (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Caffaro e Conn-Caffaro (1998) referem que os efeitos nefastos do incesto entre irmãos são fáceis de subestimar por diversas razões, tais como o facto de não ser ultrapassada nenhuma fronteira geracional quando uma criança abusa sexualmente de outra, na mesma família. Para além disto, estes autores afirmam que nem sempre é óbvio que o incesto entre irmãos excede os limites da exploração, que é normal num desenvolvimento sexual apropriado; que força ou coerção foi utilizada; ou que podem ser identificados vítimas e agressores. É de acrescentar que, muitas vezes, para as crianças vítimas, o abuso incestuoso

entre irmãos é transposto para segundo plano, perante um historial de abusos filio-parentais a ocorrer em simultâneo.

É de mencionar que vários estudos referem que quando o agressor é do mesmo sexo que a vítima, particularmente nos rapazes, as consequências podem ser mais negativas, no sentido em que o abuso pode originar confusões na orientação do desejo sexual, tendências homofóbicas (Worling, 1995) e “uma maior prevalência de repetição de agressão sexual com outras crianças quando se é adulto” (Fávero, 2003; p. 164). Podem também trazer mais consequências nefastas ao nível das relações familiares, por exemplo. Por outro lado, alguns estudos sugerem que o incesto entre irmãs é menos perturbador e tem menos efeitos traumáticos para as vítimas (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998), possivelmente por ser utilizada menos coerção e/ou força, ser menos duradouro e menos invasivo que o incesto perpetrado por agressores masculinos (Russel, 1986; cit. por Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Para maior esclarecimento, apresenta-se em anexo (Anexo A) um quadro que inclui uma breve apresentação dos textos citados na elaboração do presente projecto.

Objectivos e Hipóteses

Tendo por base tudo o que já foi mencionado e o objectivo do presente estudo, que consiste em explorar a relação existente entre disfuncionalidade familiar e abuso incestuoso entre irmãos nas famílias em estudo (sendo que esta disfunção será averiguada, principalmente, através da estrutura familiar), elaboraram-se duas hipóteses:

1. Espera-se que as famílias nas quais ocorreu abuso incestuoso entre irmãos, durante a infância, apresentem alguma disfuncionalidade, ao nível da estrutura familiar, encontrando-se assim, num dos extremos do modelo de Minuchin (1988), em particular no extremo do desmembramento. Isto porque, de acordo com Caffaro & Conn-Caffaro (1998), um dos aspectos comuns às várias famílias onde ocorre o abuso incestuoso entre irmãos, é os limites rígidos entre os pais e os filhos, ou até mesmo, entre os vários membros do sistema familiar.
2. As famílias em que ocorreu abuso sexual entre irmãos, na infância apresentarão, pelo menos, uma das características das famílias incestuosas, referidas por Caffaro e Conn-Caffaro (1998), sendo a mais provável os *segredos*, uma vez que é algo comum aos vários tipos de incesto (e.g. filio-parental; fraternal).

MÉTODO

Amostra

Este estudo será realizado com base numa amostra de uma família onde tenha ocorrido abuso sexual entre irmãos, sendo que o agressor teria menos de 16 anos e a vítima menos de 14 anos de idade à data do início do abuso.

A amostragem será não-aleatória, visto que os elementos serão seleccionados pelas suas características específicas de terem tido um papel num abuso sexual, como vítima, como agressor ou como familiar de um deles.

Tendo em conta a natureza delicada do assunto a abordar e o tipo de recolha de dados que este estudo implica (i.e. uma entrevista detalhada), encontrar uma amostra será bastante difícil. Por esse motivo, será definido, *à priori*, um número mínimo de uma família a ser estudada.

Design do Estudo

O presente estudo será qualitativo pois visa explorar a relação entre disfuncionalidade familiar e abuso incestuoso entre irmãos, através da análise do conteúdo, obtido através de uma entrevista a uma (ou mais) família(s) (Anexo B).

Instrumento

O instrumento utilizado para a recolha de dados será uma entrevista estruturada, elaborada por Caffaro e Conn-Caffaro (1998) com base na sua experiência clínica, que foi traduzida para português. A entrevista original (Anexo C) é composta por 150 itens/questões, distribuídas por 7 entrevistas a realizar separadamente: entrevista à vítima (18 itens); entrevista ao agressor (23 itens); entrevistas aos irmãos que não são alvo do abuso (10 itens); entrevista ao subsistema fraternal (40 itens); entrevistas individuais com os pais (16 itens); entrevista com o subsistema parental (32 itens); entrevista à família (11 itens). À versão traduzida da entrevista, foi acrescentada uma questão na entrevista à família. A referida questão corresponde ao item 3 (“E quais as duas ou três coisas que menos gostam?”).

Procedimento

Em primeiro lugar o instrumento foi traduzido do inglês para o português e, posteriormente foi feita uma retroversão de novo para a língua original de forma a garantir a validade da tradução da entrevista.

Considerando o tema sensível abordado neste trabalho encontrar uma família com esta problemática não será fácil. Assim, ir-se-á procurar em clínicas privadas casos de famílias que estejam em acompanhamento, pedindo autorização ao terapeuta e à própria família para a realização do estudo. Para além disto, também serão procurados agressores em processos no âmbito da Lei Tutelar Educativa, que abarca jovens entre os 12 e os 16 anos. Por fim, serão contactados Estabelecimentos Prisionais e respectivos Técnicos de Educação na tentativa de descobrir algum caso de um recluso que tenha estado, na sua infância e/ou adolescência, envolvido numa relação incestuosa com um irmão ou irmã.

Independentemente de como a família será encontrada, se esta aceitar participar na presente investigação, os seus membros terão de dar o seu consentimento informado.

O instrumento a aplicar, como já foi mencionado, é uma entrevista estruturada. Devido à sua extensão, a mesma terá de ser aplicada em diversas sessões que serão posteriormente marcadas com os membros do sistema familiar, dependendo da disponibilidade dos mesmos.

Análise de Dados

Para poder confirmar ou infirmar as hipóteses formuladas será feita uma análise de conteúdo às respostas obtidas através da entrevista realizada aos participantes no presente estudo.

Referências

- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Ascherman, L., & Safier, E. (1990). Sibling incest: a consequence of individual and family dysfunction. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 54(3).
- Bass, L., Taylor, B, Knudson-Martin, C., & Huernergardt, D. (2006). Making sense of abuse: case studies in sibling incest. *Contemporary Family Therapy*, 28(1), 87-109.
- Bixler, R. H. (1982). Sibling incest in the royal families of Egypt, Peru, and Hawaii. *The Journal of Sex Research*, 18 (3), 264-281.
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: The Haworth Press, Inc.
- DiGiorgio-Miller, J. (1998). Sibling incest: treatment of family and the offender. *Child Welfare*, 77(3), 335-346.
- Fávero, M. (2003). *Sexualidade infantil e abusos sexuais a menores*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Friedrich, W., Grambsch, P., Broughton, D., Kuiper, J., & Beilke, R. (1991). Normative sexual behavior in children. *Pediatrics*, 88(3), 456-464.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1990). Perceptions of sibling relationships during middle childhood and adolescence. *Child Development*, 61(5), 1387-1398.
- Gil, M. J., & Lucas, P. (1998). A maternidade na adolescência num contexto de abuso sexual na família. *Análise Psicológica*, 3(XVI), 385-392.
- Haskins, C. (2003). Treating sibling incest using a family systems approach. *Journal of Mental Health Counseling*, 25(4), 337-350.

Kiselica, M., & Morrill-Richards, M. (2007). Sibling maltreatment: the forgotten abuse. *Journal of Counseling & Development, 85*, 148-160.

Luzes, P. (1990). Fact and fantasy in brother-sister incest. *International Review of Psycho-Analysis, 17*.

McNevin, E. (2010). Applied restorative justice as a complement to systemic family therapy: theory and practice implications for families experiencing intra-familial adolescent sibling incest. *The Australian and New Zealand Journal of Family Therapy, 31* (1), 60-72.

Minuchin, S. (1988). *Famílias: funcionamento & tratamento*. São Paulo: Artes Médicas. (Tradução do original em Inglês Families & family therapy. Harvard College, 1980).

Scheidel, W. (2004). Ancient Egyptian sibling marriage and the Westmark effect. In A. P. Wolf, & W. H. Durham (Eds.), *Inbreeding, incest, and the incest taboo: the state of knowledge at the turn of the century* (pp. 93-118). Stanford: Stanford University.

Tidefors, I., Arvidsson, H., Ingevaldson, S., & Larsson, M. (2010). Sibling incest: a literature review and a clinical study. *Journal of Sexual Aggression, 16*(3), 347-360.

Worling, J. R. (1995). Sexual abuse histories of adolescent male sex offenders: differences on the basis of the age and gender of their victims. *Journal of Abnormal Psychology, 104*(4), 610-613.

Anexo A

Tabela 1: Quadro-resumo das referências utilizadas no presente documento

Autores/Data	Objectivos/Hipóteses	Participantes	Resultados	Conclusões
Alarcão, M. (2002)	Percorrer a teia conceptual da compreensão sistémica da família, do seu desenvolvimento e funcionamento.			
Ascherman, L., & Safier, E. (1990)	Rever um caso prático e discuti-lo utilizando literatura recente acerca do incesto, demonstrando a complexidade de dinâmicas individuais e familiares que levam ao incesto.	Estudo de caso: família constituída pela filha mais nova de 9 anos (vítima), irmão mais velho de 16 anos (agressor) e os pais de ambos.	<p>- A relação incestuosa pode ser melhor percebida quando é dada a devida atenção aos factores individuais e intrafamiliares que se unem para criar o clima propício ao incesto.</p> <p>- O estudo de caso apresentado põe em causa as suposições de que o incesto entre irmãos pode ser benigno.</p>	
Bass, L., Taylor, B, Knudson-Martin, C., & Huernergardt, D. (2006)	Compreender como é que as famílias experienciam o abuso incestuoso entre irmãos e qual o seu papel nas ditas famílias.	5 crianças, do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 8 e os 15 anos, membros de duas famílias onde ocorreu abuso sexual fraternal.	Famílias entendem o incesto de formas diferentes. Nos casos estudados, por exemplo, uma família via o abuso como sendo normal e a outra como sendo um erro.	Os resultados sugerem que o tratamento deve incluir a compreensão profunda de temas, tais como a coesão famílias, o papel do segredo e o papel dos sistemas externos à família.
Bixler, R. H. (1982)	<p><u>Objectivo:</u> Fazer uma revisão de literatura acerca do abuso incestuoso entre irmãos, tendo por base fontes históricas.</p> <p><u>Hipótese:</u> Se o incesto entre irmãos for comum em famílias de diversas sociedades, então as teorias que envolvem componentes genéticas de evitamento do incesto e selecção natural poderiam ser refutadas pois, nesse caso, existiriam sociedades com sucesso que empregaram uma</p>	Artigo Teórico	<p>- Casamentos entre irmãos germanos nas famílias reais eram raros;</p> <p>- A sucessão ao trono raramente foi de um filho de incesto entre irmãos;</p> <p>- Casamentos entre irmãos eram comuns entre os plebeus do Egipto Romano nos primeiros séculos depois de Cristo.</p>	A revisão de literatura não confirma nem infirma a hipótese colocada.

	estratégia reprodutiva relativamente ineficaz.			
Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998)	Aumentar o conhecimento dos profissionais que lidam com estas questões, acerca de problemas relacionados com abuso entre irmãos.	73 participantes, sendo que 49 são mulheres e 24 são homens, vítimas de abuso por parte de um irmão/irmã. As suas idades estão compreendidas entre os 18 e os 54 anos, com uma média de idades 38 anos, para ambos os sexos. Dos 73, 29 foram vítimas de abuso sexual por parte de um irmão ou irmã e 26 foram vítimas de agressão por parte de um irmão ou irmã. Para além destes, 18 homens e mulheres consideram-se vítimas de abuso físico e sexual por parte de um irmão/irmã.		<p>- Através dos vários casos, puderam observar que a maioria das vítimas são crianças, do sexo feminino, cujas idades rondam os 9 anos, ao passo que os agressores são geralmente do sexo masculino e as suas idades rondam os 15 anos.</p> <p>- Perceberam que quando há abuso entre irmãos, estes pertencem a tipos de famílias específicos, que os autores categorizaram.</p> <p>- Existem variáveis culturais que podem influenciar este tipo de abuso.</p> <p>- As dinâmicas do abuso diferem dependendo das características da família, da vítima (se é rapaz ou raparigo, por exemplo) e do agressor (se é rapaz ou rapariga, por exemplo).</p>
DiGiorgio-Miller, J. (1998)	Examinar, de uma perspectiva sistémica, o abuso incestuoso entre irmãos e a sua relação com factores internos e externos do comportamento do agressor, abordando o tratamento e, nesse contexto, a elaboração de um plano de segurança para prevenir futuros abusos.			O abuso incestuoso entre irmãos tem lugar num sistema familiar que não providencia um ambiente seguro aos seus membros. O tratamento deve considerar todos os aspectos relevantes deste sistema e os papéis dos seus membros, e criar fronteiras claras entre eles.

Fávero, M. (2003)				
Friedrich, W., Grambsch, P., Broughton, D., Kuiper, J., & Beilke, R. (1991)	Averiguar a frequência de uma grande variedade de comportamentos sexuais em pré-adolescentes normais e medir a relação destes comportamentos com outros factores, como a idade, género, variáveis socioeconómicas e familiares.	880 jovens, com idades compreendidas entre os 2 e os 12 anos, que não tenham sofrido abusos sexuais.	<ul style="list-style-type: none"> - Os comportamentos mais agressivos e imitativos de comportamentos sexuais adultos foram encontrados com menor frequência; - Crianças mais velhas apresentam menos comportamentos sexuais que as mais novas; - Constatou-se uma relação entre sexualidade e problemas comportamentais no geral; - Comportamentos sexuais nas crianças encontram-se relacionados com o contexto familiar, mais especificamente, com os comportamentos sexuais na família; - Não se verificou relação com variáveis socioeconómicas. 	
Furman, W., & Buhrmester, D. (1990)	<ul style="list-style-type: none"> - Clarificar tendências de desenvolvimento nas percepções das crianças da qualidade de relações entre irmãos. - Tentar replicar e estender descobertas anteriores no que diz respeito à posição da criança na família e qualidade das relações. 	106 crianças no 3º ano (68 rapazes e 38 raparigas), 112 crianças no 6º ano (52 raparigas e 60 rapazes), 85 jovens do 9º ano (39 raparigas e 46 rapazes) e 60 jovens do 12º ano (33 raparigas e 27 rapazes).	<ul style="list-style-type: none"> - As relações foram avaliadas como progressivamente mais igualitárias ao longo dos 4 grupos, sendo que os adolescentes reportam menos dominância e afectos por parte dos irmãos mais velhos que os participantes mais novos. - Níveis de conflito percebido com irmãos mais novos foi moderadamente elevado nos 4 grupos, ao passo que conflitos com irmãos mais velhos foram progressivamente mais baixos ao longo dos 4 grupos. 	Os resultados sugerem que as relações entre irmãos se tornam mais igualitárias e menos assimétricas com a idade; menos intensas com a idade; acompanham experiências que são, parcialmente, determinadas pela posição da criança na família.
Gil, M. J., & Lucas, P. (1998)	Abordar as questões inerentes à vivência da gravidez e maternidade durante a adolescência, num contexto de abuso	Caso clínico: uma jovem de 12 anos grávida do próprio pai	<ul style="list-style-type: none"> - A gravidade das consequências de um abuso sexual depende de vários factores; - A vivência de uma gravidez é um factor que agrava as consequências do abuso; 	

	sexual na família.		
Haskins, C. (2003)	Fazer uma revisão de literatura acerca das dinâmicas do abuso entre irmãos e especificar formas de tratamento deste tipo de abuso, utilizando uma abordagem familiar sistémica.	Caso prático ilustrador das temáticas abordadas: família em tratamento terapêutico composta pela vítima, Lisa (11 anos), o agressor, Mark (13 anos) e os seus pais.	Os autores concluíram que as dinâmicas familiares em causa no caso apresentado eram de disfunção parental, tanto ao nível das fronteiras, como ao nível dos comportamentos dos pais.
Kiselica, M., & Morrill-Richards, M. (2007)	Abordar os principais temas relacionados com o abuso entre irmãos e, também, as estratégias que se podem utilizar para ajudar vítimas, agressores e as suas famílias.	_____	<ul style="list-style-type: none"> - Família e sociedade tendem a desvalorizar este tipo de abuso, tratando-o como se fosse apenas rivalidade entre irmãos. - Sexo, habilidade física e cultura são factores que influenciam a frequência e severidade do abuso fraternal. - Estratégias de prevenção devem ser elaboradas pelos pais e técnicos que trabalham com a criança.
Luzes, P. (1990)	O autor questiona a hipótese do incesto entre irmãos derivar do complexo de Édipo e as teorias de Freud nas quais a fantasia deste tipo de incesto é baseado numa experiência real de incesto na infância.	_____	O autor apercebe-se, através da revisão de literatura, que a fantasia de incesto entre irmãos é representada mais frequentemente que a fantasia edipiana. A maioria das fantasias de incesto com irmãos, encontradas em diversas culturas são, normalmente, pré-edipianas e o objecto (irmão/irmã) é um muitas vezes um substituto da mãe pré-edipiana.
McNevin, E. (2010)	Considerar o impacto nas respostas terapêuticas a	Estudo de caso: vítima de 13 anos e	Através deste processo, o irmão agressor pode ser visto como responsável pelo abuso e, ao mesmo tempo, não

	famílias onde ocorreu abuso sexual intrafamiliar entre dois jovens, através ideias da terapia familiar sistémica e respostas de justiça restaurativa.	agressor, o seu irmão, de 16 anos. Os seus pais estão separados. Ainda existe uma irmã mais velha de 18 anos.	rejeitado pela sua família.	
Minuchin, S. (1988)	Abordagem conceptual ao modelo familiar e à terapia estrutural da família			
Scheidel, W. (2004)	Fazer uma revisão de literatura acerca dos casamentos entre irmãos no antigo Egipto e fazer uma ligação ao efeito Westermarck.			Não foram encontradas explicações de porque é que casais no antigo Egipto casavam os seus filhos entre si.
Tidefors, I., Arvidsson, H., Ingevaldson, S., & Larsson, M. (2010)	Conduzir uma revisão de literatura acerca do incesto entre irmãos e um estudo clínico para explorar as diferenças nas características entre um grupo de jovens agressores dos seus irmãos e um grupo de adolescentes não-agressores dos seus irmãos.	45 adolescentes, do sexo masculino, que cometeram agressões sexuais contra crianças, adolescentes ou adultos. 21 deles abusaram sexualmente os seus irmãos e 24 praticaram agressões sexuais a outras pessoas que não os seus irmãos ou irmãs.	- O grupo que abusou sexualmente dos seus irmãos cresceu, mais frequentemente, em famílias disfuncionais; - Os comportamentos agressivos eram mais severos no grupo do incesto.	Apesar de se verificar mais frequentemente disfunção familiar em casos de abuso sexual entre irmãos, esta disfunção não pode ser vista como causadora de um abuso sexual entre irmãos. - O abuso sexual não deriva de um único factor, mas sim da interacção de vários factores.
Worling, J. R. (1995)	<u>Objectivo:</u> Perceber se a frequência de vitimização sexual em agressores sexuais adolescentes do sexo masculino varia de acordo com as características das suas vítimas. <u>Hipótese:</u> os adolescentes do sexo masculino que abusaram de crianças do	Foram recolhidas histórias de abuso sexual de 87 adolescentes agressores sexuais, do sexo masculino.	75% dos agressores adolescentes que abusaram sexualmente um rapaz reportam ser vítimas de abuso sexual, contra 25% dos adolescentes que abusaram de raparigas, pares ou adultos.	Os resultados sugerem que a vitimização sexual pode ser uma importante variável explicativa da agressão sexual de adolescentes do sexo masculino contra crianças do mesmo sexo.

	mesmo sexo, irão reportar mais histórias de vitimização sexual do que aqueles que abusaram raparigas, pares e adultos.			
--	--	--	--	--

Anexo B

ENTREVISTA DE ABUSO ENTRE IRMÃOS

(Caffaro & Conn-Caffaro, 1998)

Entrevista à vítima de abuso entre irmãos

1. Na tua família, tanto rapazes como raparigas têm a mesma liberdade de expressão?
2. Se pudesses dividir a tua família em duas equipas quem é que pertenceria a cada uma delas?
3. Quando há uma briga/discussão entre ti e o teu irmão/irmã, quem é que normalmente vence?
4. Imagina que há uma coisa que tanto tu como o teu irmão/irmã querem mas só um de vocês a pode ter. Quem é que provavelmente acaba por ficar com ela e como é que isso acontece?
5. Como é que te defendes quando o teu irmão/irmã quer que faças alguma coisa que tu não queres fazer, ou que sabes que está errada?
6. O teu irmão/irmã pede-te que guardes segredo de coisas que sabes que são erradas? (Dá exemplos)
7. Há alguma coisa que o teu irmão/irmã te tenha feito que nunca iria fazer em frente dos teus pais?
8. Com que frequência tu e o teu irmão/irmã discutem? Com que frequência é que ele/ela te insulta, grita contigo ou te critica?
9. O teu irmão/irmã alguma vez te envergonha ou humilha em frente de outras pessoas?
10. Alguma vez te sentes inferior ou má pessoa por uma coisa que o teu irmão/irmã te tenha dito ou feito?
11. Como é que o teu irmão/irmã reage quando contas aos teus pais uma coisa que ele/ela não queria que lhes revelasses?
12. Quando o teu irmão/irmã se zanga contigo o que é que tens mais medo que aconteça? Alguma vez tens medo que ele/ela se descontrole?
13. Se o teu irmão/irmã está a fazer troça de ti ou a fazer-te qualquer coisa que não queiras, ele/ela vai parar quando lhe pedes para parar?
14. O teu irmão/irmã alguma vez diz alguma coisa que te faz sentir desconfortável com o teu corpo?

15. O teu irmão/irmã alguma vez te toca de forma que tu não gostes, ou que te faça sentir desconfortável com o teu corpo?
16. Quando o teu irmão/irmã te agride ou te toca de uma forma errada, de quem é a culpa?
17. Quando o teu irmão/irmã te agride, consegues contar aos teus pais? Eles vão ajudar-te?
18. Quando o teu irmão/irmã grita ou troça de ti, acreditas que isso acontece porque fizeste alguma coisa para o merecer?

Entrevista ao abusador de um irmão/irmã

1. Como é que sabes que alguém na tua família está chateado contigo?
2. Os irmãos e irmãs muitas vezes fazem troça uns dos outros de forma muito negativa. Como é que tu e os teus irmãos troçam uns dos outros?
3. Quem é o mais gozado na tua família? Por quem?
4. Qual é que foi o maior problema em que te meteste e o que é que os teus pais disseram e fizeram?
5. Com que frequência é que os teus pais te castigam, batendo-te? Como é que te batem?
6. Já alguém te tocou de forma íntima sem a tua permissão?
7. O teu irmão mais velho ou irmã, ou qualquer outra pessoa já te tocaram de forma que te fizesse sentir desconfortável?
8. Como é que consegues que os teus irmãos façam o que tu queres que eles façam?
9. Qual é uma maneira de fazeres o teu irmão/irmã saber que não gostas do que ele/ela está a fazer?
10. Quando o teu irmão ou irmã têm alguma coisa que queiras como é que a consegues?
11. Com que frequência ofendes os teus irmãos ou os fazes chorar ou zangar? Como é que fazes isso?
12. Como é que te sentes quando o teu irmão/irmã se sente triste?
13. Preocupas-te com o que o teu irmão/irmã pensa de ti?
14. Alguma vez partilhas com o teu irmão ou irmã quando te acontece alguma coisa positiva?
15. Como é que te sentes quando os teus pais castigam o teu irmão/irmã? Alguma vez te dás como culpado por uma coisa que os teus irmãos fizeram só para que eles não sejam castigados?

16. Qual foi um dos piores dias ou experiências que, na tua opinião, o teu irmão/irmã teve? Como é que imaginas que ele/ela se sentiu?
17. Algumas vez pensaste que podes ter um problema de agressão ou de tocar de forma errada? E se tiveres, é um problema para o qual talvez gostasses de ter ajuda?
18. Tive conhecimento que algumas destas coisas (a partir do número 17) possam ser um problema que tens, mas preciso de ouvir a tua versão para eu poder saber toda a história. Então, conta-me como é que tu comesas a:
 - a. Bater ou a dar pontapés ao teu irmão(s) ou irmã(s).
 - b. Magoar o teu irmão/irmã ao _____ (preenche o espaço).
 - c. A tocar no teu irmão/irmã de forma íntima ou em partes íntimas do seu corpo, mesmo que seja por acidente.
19. Todos os irmãos ou irmãs se ofendem algumas vezes. O que é que sabes das formas como o teu irmão/irmã descreve que o/a magoaste? Quais são os teus sentimentos sobre isso?
20. De quem achas que é a culpa?
21. Como é que achas que os teus pais se sentem com isso?
22. Já alguém da tua família, ou fora dela, te fez sentir assustado, te agrediu, bateu ou te magoou de qualquer outra forma? Se isso aconteceu, quem foi, e como é que ele/ela te magoou? Como é que te sentiste?
23. E se alguma coisa estranha acontecesse e tu te transformasses de repente no teu irmão ou irmã: Pensando na forma como o/a trata, como é que te sentes acerca disso?

Entrevista aos irmãos que não são alvo de abuso

1. Se tu e o teu irmão ou irmã fizessem o mesmo erro em casa seria cada um dos dois castigado da mesma forma?
2. Normalmente, na tua família parece que o castigo é adequado ao “crime”?
3. Quando o teu irmão ou irmã é castigado(a), normalmente parece que ele/ela merece o castigo?
4. Quando és castigado, normalmente parece que mereces o castigo?
5. Algumas vezes os filhos sentem-se como que aliviados quando um irmão ou irmã são castigados depois de fazerem qualquer coisa errada, porque se não fossem não pareceria justo. Mas, algumas vezes, o castigo faz os filhos sentirem-se mal quando os

- seus irmãos ou irmãs são castigados. O teu irmão ou irmã já foi alguma vez castigado pelos teus pais de uma forma que te fez sentir triste ou assustado?
6. O teu irmão ou irmã alguma vez te contou sobre ter sido castigado(a) ou fisicamente magoado(a) por outros membros da tua família?
 7. Já alguma vez observaste o teu irmão ou irmã ser tocado por outro irmão ou irmã (nas partes íntimas do seu corpo) de uma forma que te fez sentir desconfortável?
 8. Já alguma vez observaste o teu irmão ou irmã ser tocado nas partes íntimas do seu corpo pela tua Mãe ou pelo teu Pai de uma forma que te fez sentir desconfortável?
 9. Já alguma vez pensaste que esses actos poderiam ter acontecido ou o teu irmão ou irmã te disseram coisas que te fazem pensar que esses actos possam ter acontecido?
 10. O teu irmão ou irmã alguma vez te contaram sobre estes actos?

Entrevista ao Subsistema Fraternal

1. Quais são algumas das experiências, engraçadas, divertidas ou interessantes que possas ter passado juntos e que sejam únicas para o vosso relacionamento como irmãos?
2. O que é que vocês apreciam ou gostam mais uns nos outros?
3. Quais são algumas das coisas boas e das coisas más relacionadas com o facto de terem crescido na vossa família?
4. Quando fazem um bom trabalho em qualquer coisa – como na escola, ou em tarefas de casa, ou coisas que os vossos pais têm para fazerem – o que é que o vosso Pai faz ou diz sobre isso? O que é que a vossa Mãe normalmente faz ou diz?
5. Quando o vosso Pai ou a vossa Mãe vos dizem que serão recompensados por fazerem alguma coisa, normalmente recebem essa recompensa? Dá alguns exemplos.
6. Finjam que este brinquedo ou jogo é aquele que vocês os dois realmente querem neste momento. Decidam quem pode brincar ou jogar com ele.
7. Agora fica no lugar do teu irmão/irmã neste conflito e finge que estás a falar como se fosses ele ou ela por um momento. Como é que respondias ao que acabaste de ouvir?
8. Como é que decidem quando está na hora de deixares o teu irmão ou irmã brincarem ou jogarem com um brinquedo ou jogo?
9. O que é que a vossa Mãe faz quando vocês discutem? O que é que o vosso pai faz?

10. Conta-me algumas das vezes quando vocês discutiram e descreve como os teus pais responderam.
11. Quem é que discute mais, vocês todos ou os vossos pais? O que é que os vossos pais fazem quando discutem?
12. Por vezes, os filhos ficam um pouco assustados quando os seus pais brigam ou discutem. Alguma vez tens medo que os teus pais se magoem, ou mesmo que te magoem a ti, quando eles brigam? (Dá exemplos de alturas quando te sentiste assustado.)
13. Durante ou depois de uma discussão/briga entre os vossos pais, a vossa mãe ou o vosso pai, por ainda se sentirem zangados, já tentaram descarregar em vocês? Se isso aconteceu, com qual de vocês é que eles ficam mais zangados?
14. O que é que a maioria de vocês faz quando isso acontece?
15. Imagina que tu e o teu irmão ou irmã estão a lutar com se fossem os personagens da vossa série de desenhos animados favorita (ou de um filme). Que personagem cada um de vocês escolheria? O que é que fariam essas personagens? Em que aspectos é que tu e o teu irmão/irmã se parecem com os personagens e em que aspectos são diferentes? Como é que estes personagens normalmente resolvem as brigas entre eles?
16. Cada um de vocês pode descrever a vossa reacção a um acontecimento importante e recente na família. Podem escolher o mesmo acontecimento ou acontecimentos diferentes.
17. Gostaria que todos vocês ouvissem e a seguir me dissessem se tiverem descoberto alguma informação nova acerca do vosso irmão ou irmã.
18. Como é que na vossa opinião vocês são iguais ou diferentes?
19. Em que é que os vossos pais dizem que vocês são diferentes ou iguais? Concordam com a perspectiva que eles têm sobre vocês?
20. Há alguma pessoa que é mais acusada do que os outros quando qualquer coisa corre mal em casa? Se assim for, como é que é para os restantes? E o que acontece com aquele que é acusado mais vezes?
21. Há algum de vocês que seja sempre o primeiro a fazer alguma coisa antes de todos os outros irmãos ou irmãs? Há algum de vocês que pareça ser o favorito da Mãe ou do Pai?

22. O teu irmão ou irmã tratam-te de maneira diferente em frente dos seus amigos? Ou quando ele ou ela estão com amigos e os teus pais não estão presentes?
23. Como é que és tratado pelos teus irmãos quando estás com os teus amigos?
24. Os teus irmãos alguma vez ameaçam magoar-te ou fazer troça de ti em frente dos teus amigos? Ou quando estás com os teus amigos e os teus pais não estão presentes?
25. Em geral, o vosso pai e a vossa mãe estão tão presentes como gostariam que estivessem?
26. Quanto tempo é que tu e os teus irmãos passam sozinhos em casa?
27. Em todas as famílias os pais dão mais atenção a uns problemas e menos a outros. Quais são os problemas da tua família a que os teus pais dão mais atenção (sapatos em cima do sofá, o quarto desarrumado, etc.)?
28. Quais são alguns problemas da tua família a que os teus pais não dão muita importância?
29. Os teus pais disciplinam-te a ti e aos teus irmãos da mesma forma? Se não for assim, como é que a disciplina é diferente para cada um de vocês?
30. Quando a tua Mãe ou o teu Pai dizem que serás castigado por alguma coisa, eles cumprem sempre aquilo que disseram? Dá alguns exemplos.
31. Quais são algumas das regras ou coisas que os vossos pais esperam que façam ou que não façam? Quais dessas regras ou expectativas parecem justas e quais parecem injustas?
32. Que tipo de coisas é que cada um de vocês faz com o Pai durante a semana? E no fim-de-semana? E com a Mãe? O que é que cada um de vocês gosta, especialmente, de fazer com a Mãe? E com o Pai?
33. O que é que sabes sobre o abuso do teu irmão ou irmã? Como te sentes em relação a isso? De quem pensas que é a culpa? O que é que achas que os teus pais sentem sobre isso?
34. Os teus pais alguma vez falam com vocês acerca um do outro, ou sobre as discussões deles?
35. Muitas famílias são como que compostas por equipas; algumas vezes são os rapazes e o Pai numa equipa e a Mãe e as meninas noutra equipa; algumas vezes são os filhos numa equipa e o Pai e a Mãe na outra. Descreve as diferentes equipas na tua família (inclui os membros da família mais alargada se isso for relevante).

36. Já se sabe que todas as famílias têm discórdias algumas vezes. Quando a tua família entra em discórdia sobre alguma coisa, de que lado é que ficas? De que lado é que os teus irmãos ou irmãs ficam?
37. Em todas as famílias cada pessoa tem um papel especial ou ocupa um lugar especial (e.g. o mais inteligente, o mais divertido, o mais problemático, etc.). Quais são os papéis que cada pessoa tem na tua família?
38. Há algumas coisas pessoais, não relacionadas com segurança (como magoar-se a si próprio ou aos outros) que compartilhem uns com os outros e não com os vossos pais? Dêem exemplos, se for o caso.
39. Se alguma vez tiverem filhos vão educá-los da forma como os vossos pais vos educaram? Quais os aspectos em que os vão educar de forma diferente da que foram educados? Se algum de vocês pudesse mudar alguma coisa da vossa família o que é que gostariam de mudar? Porquê?

Entrevistas Individuais com os Pais

1. Em todas as famílias, os membros têm papéis diferentes, como o mais inteligente, o mais atlético, aquele que sempre causa problemas, etc. Quais são os papéis que vocês e os vossos irmãos ocupavam na vossa família de origem?
2. Que papéis dessa família de origem, vocês podem perceber que são mantidos por vocês e pelos vossos filhos na vossa família de hoje?
3. Como é o vosso relacionamento com os vossos irmãos e irmãs agora?
4. Algumas vezes em todas as famílias um dos pais sente-se mais próximo de um filho do que do outro. Este facto pode estar relacionado com a idade do filho/filha, com a sua personalidade, aparência física ou habilidades. Com qual dos seus filhos se sente, presentemente, mais ligado? Já se sentiu mais próximo de um dos seus filhos/filhas em particular?
5. Quem é que os seus filhos acham que é o “favorecido” da família?
6. Qual dos seus filhos acha que é o “menos favorecido” da família?
7. Já alguma vez teve ou ainda tem problemas com abuso de álcool ou uso de drogas? Se a resposta for positiva, já recebeu ou está a receber tratamento para este problema?
8. Quando era criança foi abusado por qualquer um dos seus pais ou irmãos?
9. Como é que você e o seu esposo/esposa resolvem os conflitos?

10. Algum de vocês agride o outro fisicamente quando discutem?
11. Alguma vez se sente assustado ou intimidado pelo seu companheiro/a?
12. O seu companheiro/a alguma vez se aproxima sexualmente de si em frente dos seus filhos/filhas?
13. Que actividades sexuais específicas, e com que frequência, se desenrolam em frente dos seus filhos/filhas?
14. Há na sua casa material sexualmente explícito a que as crianças possam ter acesso?
15. Sempre foi fiel ao seu companheiro/a actual?
16. Já teve dúvidas que o abuso contra o seu filho ou filha tenha acontecido na realidade?
Se tem dúvidas, quais são?

Entrevista com o Subsistema Parental

1. Cada um de vós confia no outro quando se encontra perante uma coisa difícil ou quando necessita de amor ou apoio? Se sim, o seu companheiro/a, normalmente, torna-se disponível para si, sempre que precisa dele/dela? Se não, acha que ele ou ela mostrariam disponibilidade se você necessitasse de apoio ou de algum tempo a dois?
2. Qual é a forma como o seu companheiro/a lhe faz saber que não está disponível?
3. Quanto tempo passam juntos sem os filhos?
4. Em que actividades é que participam em separado e como casal?
5. Quanto tempo é que cada um de vós passa com os vossos filhos?
6. Como é que sabem quando um dos vossos filhos está zangado, triste, com medo, feliz, etc?
7. Como é que tem conhecimento do que se passa na vida dos seus filhos? Com quem é que fala ou de que outra forma é que descobre o que se passa na sua família?
8. Os vossos filhos alguma vez têm alguma vantagem de vos ver discutir os dois e de observar como chegam a um acordo e a uma resolução do conflito? O que é que cada um de vós faz quando está zangado com o outro?
9. O que é que cada um faz quando está zangado com o outro?
10. O que é que os vossos filhos fazem quando vocês os dois têm uma discussão ou uma briga?
11. Como é que eles reagem uns com os outros tanto durante como imediatamente a seguir às vossas discórdias ou brigas?

12. Ambos estão satisfeitos com a forma como resolvem a vossa ira contra o vosso companheiro/a? Se não, como é que poderiam agir de outra forma? O que é que gostariam que o vosso companheiro/a fizesse de forma diferente?
13. Como é que mostram afeição, um pelo outro, em frente dos vossos filhos?
14. Quais são algumas das formas como ensinam os vossos filhos sobre a sexualidade? Quais são as diferenças neste ensino para os vossos rapazes e para as vossas meninas?
15. Há lugares na vossa casa que são privados e interditos à entrada dos vossos filhos?
16. O vosso companheiro/a alguma vez se aproxima de si com intenção sexual quando se encontram as crianças presentes?
17. Quais são as actividades sexuais específicas e com que frequência ocorrem na presença das crianças?
18. Na vossa casa há, ou alguma vez houve, material sexualmente explícito que esteja ao alcance das crianças?
19. Que atitudes sexuais parentais são directamente expressas ou implícitas na vossa família?
20. Há momentos quando os irmãos gozam uns com os outros sobre o corpo, ou fazem cócegas, ou coisas que embaraçam o outro e talvez até se toquem sexualmente em forma de brincadeira divertida e apropriada à idade (e.g. brincar aos médicos). Descrevam algumas das vezes em que testemunhou ou teve conhecimento desse comportamento entre os seus filhos e qual foi a sua resposta perante ele.
21. Quais são as actividades sexuais permitidas entre os irmãos na sua família? Em que ponto é que há barreiras sexuais explicitamente proibidas?
22. Tomaram conhecimento da exposição do seu filho/filha a qualquer acontecimento externo recente que tenha indirectamente contribuído para um ambiente de vulnerabilidade onde o abuso entre irmãos pudesse ocorrer? (e.g. Procedimentos médicos invasivos, notícias nos meios de comunicação social, na vizinhança ou na escola que estejam relacionadas com abuso, o abuso sofrido por outro membro da família ou por um amigo, etc.)
23. Descrevam alguns dos comportamentos de brincadeiras mais “duras” entre os seus filhos.
24. Como é que normalmente respondem? Alguma vez se preocupam que um dos vossos filhos possa magoar o outro?

25. Como é que disciplinam os vossos filhos? Quais são as diferenças entre os vossos estilos de disciplina?
26. Qualquer um de vós nota alguma forma em que favorecem um dos vossos filhos possa mais do que os outros?
27. Qual dos vossos filhos geralmente “precisa” de mais disciplina? Como é que ele/ela é disciplinado de forma diferente dos outros?
28. Quais são algumas das semelhanças que encontra nos vossos filhos e quais são as diferenças entre eles?
29. Como é que descreveriam o relacionamento que cada um dos vossos filhos tem com os irmãos? Explique.
30. Quais são algumas das fontes actuais de stress para vós como pais? E para a família como um todo?
31. De que fontes de apoio externo é que costuma depender quando a vida familiar se torna muito stressante?
32. Acredita no seu filho/filha quando ele/ela diz que foi fisicamente ou sexualmente abusado por um dos irmãos ou irmãs? Se não acredita, porque não?

Entrevista de Família

1. Começando pelos adultos desta família, eu gostaria que cada um de vós, à vez, me contasse duas ou três coisas que realmente apreciam uns nos outros.
2. Quais são duas ou três coisas que realmente apreciam na vossa família?
3. E quais são as duas ou três coisas que menos gostam na vossa família?
4. Cada família tem problemas de tempos a tempos. O facto de estarem aqui diz-me que esta é uma dessas alturas na vossa família. Gostaria de ouvir o que cada um de vós pensa sobre as dificuldades que a vossa família está a enfrentar neste momento.
5. Quando um de vós não quer que os vossos irmãos, irmãs ou pais usem qualquer coisa que seja vossa, sentem-se à vontade para lhes dizer isso?
6. Eles respeitam os vossos desejos?
7. Se alguma coisa embaraçosa acontecesse a um de vós e essa pessoa não quisesse que os vossos irmãos ou pais contassem a alguém de fora da família, eles, de qualquer forma acabavam por contar o fato a parentes ou amigos?

8. Se um dos membros da família começasse a falar sobre alguma coisa que quisessem manter em privado e lhe pedissem para parar, ele ou ela respeitariam os vossos desejos? Os restantes membros da família também concordariam em não falar disso outra vez?
9. Quem é que concordaria em manter a privacidade e quem é que não concordaria?
10. Se um de vocês estiver a passar algum tempo em privado no quarto, ou na casa de banho ou em qualquer outro local da casa, alguém alguma vez o perturba?
11. Como é que o perturbam e o que é que acontece quando ele/ela lhes pede que parem?
12. Quais são algumas das coisas mais importantes que possamos tentar mudar na vossa família para que todos se sintam melhor e mais seguros?

Anexo C

SIBLING ABUSE INTERVIEW
(Caffaro & Conn-Caffaro, 1998)

Sibling Victim

1. Do boys or girls have the most say in your family?
2. If you were to look at your family as being made of two teams, who would be on each team?
3. When you have a fight with your brother or sister, who usually wins?
4. Pretend there is something that you and your sibling both really want, and only one of you can have it. Who gets it, and how?
5. How do you stand up for yourself when your sister or brother want you to do something that you do not want to do, or something that you know is wrong?
6. Does your sister or brother ask you to keep secrets about things that you know are wrong? (Elicit examples.)
7. What is something that your brother or sister has done to you that he or she would never do in front of your parents?
8. How often do you and your brother or sister argue with each other? How often does he or she yell at, insult, or criticize you?
9. Does your sibling ever embarrass you or humiliate you in front of others?
10. Do you ever feel like a bad person because of something your brother or sister did or said to you?
11. How does your brother or sister react when you tell your parents something that she or he did not want you to reveal?
12. When your siblings get mad at you, what are you most afraid will happen? Are you ever afraid that your brother or sister might lose control when he or she is mad at you?
13. If your sibling is teasing you, or doing something to you that you don't like, will he/she stop when you ask him or her to?
14. Does your brother or sister ever say anything to you that makes you feel uncomfortable about your body?
15. Does your brother or sister ever touch you in a way that you don't like, or that makes you feel uncomfortable about your body?
16. When your brother or sister hits you or touches you in a way that's wrong, whose fault is it?

17. When your brother or sister hits you, are you able to go and tell your parents?
Will they help you?
18. When a sibling shouts at you or teases you, do you believe that it is usually because you have done something to deserve it?

Sibling Offender

1. How do you know when people in your family are mad at you?
2. Brothers and sisters sometimes tease each other in mean ways. How do you and your siblings tease each other?
3. Who gets teased the most in your family? By whom?
4. What is the worst trouble you ever got into and what did your parents say and do?
5. How often do your parents punish you by hitting or spanking you? How do they do it?
6. Has anyone ever touched you in private ways without your permission?
7. Has your older brother or sister, or anyone else, ever touch in a way that felt uncomfortable?
8. How are you able to get your siblings to do things that you want him or her to do?
9. What is one way that you let your brother or sister know that you don't like what he or she is doing?
10. When your brother or sister has something that you want, how do you get it?
11. How often do you hurt your sibling's feelings and make him or her cry or get angry?
How do you do this?
12. How do you feel when your brother or sister feels sad?
13. Do you care a lot about what your sibling thinks of you?
14. When something positive happens to you, do you ever share it with your sister or brother?
15. How do you feel when your parents punish your sister or brother? Do you ever take the blame for something that your brother or sister did so that he or she doesn't get into trouble for it?
16. What is one of the worst days or experiences that you think your brother or sister has ever had? How do you imagine that she or he felt about it?
17. Do you ever think that you may have a problem with touching or hitting? And if you do, is it something that maybe you might like some help with?

18. I've heard that some of these things (from number 17) may be a problem for you, but I need to hear about it from you so I know the whole story. Tell me how it happens that you might end up:
 - a. Hitting/kicking your brother(s) or sister(s).
 - b. Hurting your brother or sister by _____ (fill in blank).
 - c. Touching your brother or sister in private places or private ways, even if it might be by accident.
19. All brothers and sisters sometimes hurt the other one's feelings. What do you know about the ways that your brother or sister has said she or he was hurt by you? How do you feel about it?
20. Whose fault do you think it is?
21. How do you think your parents feel about it?
22. Has anyone inside or outside of your family ever bothered you a lot, made you feel scared, hit you, or hurt you in other ways? If so, who was it, and how did she or he hurt you? How did you feel about it?
23. What if something strange happened, and you were suddenly transformed into your brother or sister. Knowing how you treat him or her, how do you feel?

Nontargeted Siblings

1. If you and your brother or sister made the same mistake at home, would you each get punished in the same way?
2. Does it usually seem that the punishment "fits the crime" in your family?
3. When your brother or sister is punished, does it usually seem that he or she deserves it?
4. When you are punished, does it usually seem that you deserved it?
5. Sometimes kids are kind of relieved when a brother or sister gets punished after doing something wrong, because otherwise it wouldn't feel fair. But sometimes it makes kids feel bad when their sisters or brothers are punished. Did you ever see your sister or brother being punished by Mom or Dad in a way that made you feel sad or afraid?
6. Did your brother or sister ever tell you about being punished or physically hurt by someone else in your family?
7. Have you ever seen a sister or brother being touched by another sister or brother (on her/his private parts) in a way that made you feel uncomfortable?

8. Have you ever seen your brother or sister being touched on his or her private parts by Mother or Father in a way that made you feel uncomfortable?
9. Have you ever wondered if this has happened, or has your brother or sister ever said things to you that made you think it maybe happened?
10. Has your brother or sister ever told you of this happening?

Sibling Subsystem

1. What are some amusing, funny, interesting experiences that you have gone through together that are unique to your relationship as siblings?
2. What do you enjoy or like most about each other?
3. What are some of the good things and some of the bad things about growing up in your family?
4. When you do a good job at something – such as in school, work around the house, or things that your parents ask you to do – what does Dad usually do or say about that? What does Mom usually do or say?
5. When you Mom or Dad say that you will be rewarded for doing something, do you usually get the reward? Give some examples.
6. Pretend that this toy or game is one that both of you really want to play with right now. Decide who gets to play with it first.
7. Now, take your brother/sister's side in this conflict and pretend that you are speaking as him or her for a moment. How would you respond to what you have just heard?
8. How will you decide when it's time to allow your sister or brother to have a turn?
9. What does your mom do when you fight? What does your dad do?
10. Tell me about some times when you have been fighting, and describe how each of your parents have responded.
11. Who fights more, all of you or your parents? What do your parents do when they fight?
12. Sometimes kids get a little scared when their parents fight or argue. Are you ever afraid your parents will hurt each other, or you, when they fight? (Give examples of times when you felt afraid.)
13. During or after a fight between your parents, do your mom and dad ever still feel mad and take it out on you? If so, who do they get angry with the most?
14. What do the rest of you do when that happens?

15. Imagine that you and your brother or sister are fighting as characters in your favorite Saturday morning cartoon show (or movie). Which character would you each be? What would they be doing? How do you and your sibling resemble the characters in the cartoon, and what are the ways that you are different? How do the characters usually resolve their fights?
16. Could each of you describe your reaction to an important recent family event? You may choose the same or different events.
17. I'd like the rest of you to listen, and tell me afterward what new information you learned about your brother or sister.
18. How do you see yourselves as different and alike?
19. How do your parents tell you that you are different or alike? Do you agree with their perceptions of you?
20. Does anyone get blamed more than the others when something goes wrong at home? If so, how is that for the rest of you? How is it for the one who gets blamed more often?
21. Does one of you get to do things before the rest of your brothers or sisters? Is there someone among you who seems to be Mom or Dad's favorite?
22. Does your brother or sister treat you differently in front of his or her friends? Or when he or she is with friends and your parents aren't around?
23. How are you treated by your siblings when you are with your friends?
24. Do your siblings ever threaten to hurt you or tease you and try to humiliate you in front of your friends? Or when you are with your friends and your parents are not around?
25. In general, are your dad or mom around as much as you would like?
26. How much time do you and your brothers and sisters spend at home alone?
27. In every family, parents pay more attention to some problems than to others. What are the family problems that your parents attend to most (shoes on the couch, messy rooms, etc.)?
28. What are some family problems that they don't pay that much attention to?
29. Do your parents discipline you and your siblings in the same ways? If not, how are they different with each of you?
30. When Mom and Dad say that you will be punished for something, do they always do what they say they will? Give some examples.
31. What are some rules or things your parents expect you to do or not do? Which of these rules or expectations seem fair and which seem unfair?

32. What sorts of things do each of you usually do with Dad during the week? On the weekend? How about with Mom? What do you each especially enjoy doing with Mom? With Dad?
33. What do you know about your brother or sister's abuse? How do you feel about it? Whose fault do you think it is? How do you think your parents feel about it?
34. Do your parents ever talk to any of you about each other, or about their fight?
35. Many families are sort of made up of teams; sometimes it's boys and Dad on one team with Mom and girls on the other; sometimes it's kids on one team with Mom and Dad on the other. Describe the different teams in your family (include extended-family members, if relevant).
36. We know every family sometimes has disagreements. When you family disagrees about something, whose side are you usually on? Who do your brothers and sisters usually side with?
37. In every family each person has a special role or place that he or she occupies (e.g. the smart one, funny one, the one who is usually in trouble, etc.). What roles do people have in your family?
38. Are there certain personal things, not related to safety (i.e. hurting self or others). That you share with each other and don't tell your parents? If so, what are some examples?
39. If you ever have children of your own, in what ways will you raise them like your parents have raised you? In what ways will you raise them differently? If each of you could change anything about your family, what would you like to change? Why?

Individual Parent Interviews

1. In every family, members have different roles, such as the smart one, the athletic one, the one who gets in trouble, etc. What roles did you and your siblings occupy in your family of origin?
2. What roles from your family of origin do you see yourselves and your children maintaining in your present family?
3. What are your relationships like with each other of your siblings now?
4. At times in every family, a parent feels closer to one child than another. This may be related to the child's age, personality, physical appearance, or ability. Which of your children do you currently feel more connected to? Have you always felt closer to one child in particular?
5. Who do your children feel is the "favored" sibling in your family?

6. Which child believes that he or she is the “least favored”?
7. Have you ever had or do you have a current problem with alcohol or drug use? If yes, have you received or are you receiving treatment for this problem?
8. Were you abused as a child by a parent or sibling?
9. How do you and your spouse resolve conflict?
10. Does either of you ever physically strike the other when you’re arguing?
11. Do you ever feel frightened of or intimidated by your partner?
12. Does your partner ever approach you in a sexual way in front of the children?
13. What specific sexual activities, and in what frequencies, are displayed in front of your children?
14. Are there sexually explicit materials in the house that might be accessible to your children?
15. Have you always been faithful to your current partner?
16. Do you have any doubts that your son’s or daughter’s abuse actually took place? If so, what are they?

Parental Subsystem

1. Do each of you regularly confide in the other when struggling with something difficult, or when in need of love and support? If so, does your partner usually make himself/herself available to you when you need him or her? If not, do you think that she or he would be available if you needed support or some time together?
2. What are some of the ways that your partner lets you know that she or he is not available?
3. How much time do you spend together, apart from your children?
4. What activities do you participate in separately and as a couple?
5. How much time does each of you spend with your children?
6. How do you know when each of your children is angry, sad, afraid, happy, etc.?
7. How do you know what’s going on in your children’s lives? Who do you talk to or how else do you find out about things in your family?
8. Do your children ever have advantage of watching the two of you argue, followed by compromise or agreement, and resolution of the conflict?
9. What does each of you do when you’re angry with the other?
10. What do your children do when the two of you have an argument or fight?

11. How do they interact with each other both during and immediately following your disagreements or fights?
12. Are you each satisfied with how you resolve your anger with your partner? If not, what would you like to do differently? What would you like your partner to do differently?
13. How do you show affection for each other in front of your children?
14. What are some of the ways that you teach your children about sexuality? What are the differences in how you teach your boy and your girl children about sexuality?
15. Are there places in your house that are private and off-limits to the children?
16. Does your partner ever approach you in a sexual way in front of the children?
17. What specific sexual activities, and in what frequencies, are displayed in front of children?
18. Are there, or has there ever been, sexually explicit materials in the house that might be accessible to your children?
19. What parental sexual attitudes are directly expressed or implied in your family?
20. There are moments when siblings tease each other about their bodies, tickle each other, do things to embarrass one another, and maybe even touch each other sexually in an age-appropriate and playful way (e.g. playing doctor). Describe some of the times you've witnessed or heard about such behavior involving your children, and your response to it.
21. What sexual activities are allowed between siblings in the family? At what point are sexual boundaries explicitly drawn?
22. Are you aware of your child's exposure to any recent external events that may have indirectly contributed to an environmental vulnerability for sibling abuse to occur? (e.g. invasive medical procedures, current events in the media, neighborhood, or school related to abuse, the abuse of another family member or friend, etc.)
23. Describe some of your children's "roughhousing" behavior.
24. How do you usually respond? Are you ever worried that one sibling will harm another?
25. How do you discipline your children? What are the differences between your styles of discipline?
26. Do either of you notice ways in which you might favor one child more than the others?
27. Which of your children generally "requires" more discipline? How is he or she disciplined differently than the others?

28. What are some ways in which you see your children as being similar to, or different from, each other?
29. How would you describe the relationship that each child has with his or her siblings? Explain.
30. What are some current sources of stress on you as parents? On the family as a whole?
31. What sources of outside support do you regularly rely on when family life becomes stressful?
32. Do you believe your child who says that he or she was physically or sexually abused by a brother or sister? If no, why not?

Family Interview

1. Beginning with the adults in this family, I'd like each of you to go around and tell me two or three things you really like about each other.
2. What are two or three things you each really like about your family?
3. Every family has problems from time to time. Your being here lets me know that now is one of those times for your family. I'd like to hear what each of you thinks the difficulties are that your family is struggling with now.
4. When one of you doesn't want your brothers, sisters, or parent to use something of yours, are you able to tell them?
5. Do they respect your wishes?
6. If something embarrassing happened to one of you that you didn't want your siblings or parents to share with people outside your family, would they disclose it anyway to family or friends?
7. If a family member started to say something that you wanted to keep private, and you asked him or her to stop, would he or she respect your wishes? And would your other family members also agree to not do this again?
8. Who would agree to maintain your privacy, and who would not?
9. If one of you is having private time in your room, the bathroom, or somewhere else in your house, does anyone ever intrude?
10. How do they intrude, and what happens when you ask them to stop?
11. What are some of the most important things for us to try to change in your family so that everyone feels better and is safe?